

NOVAS DA GALIZA

—| PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇÃO CRÍTICA |—



“A futura Academia Galega da Língua Portuguesa deveria integrar todas as sensibilidades do reintegracionismo”

José Martinho Montero Santalha, investigador e ‘pai’ do reintegracionismo moderno

PÁGINA 17 |



Ortigueira ou a leve fronteira entre o poder político e os interesses económicos da família Campo

A FAMÍLIA AVANÇA COM O SEU IMPÉRIO GRAÇAS AO CARGO DE ANTÓNIO CAMPO

Desde que em 1999 se apresentou pela primeira vez às eleições em Ortigueira, Campo sempre gozou de grande apoio eleitoral neste concelho da mais peculiar das Rías Altas. O seu poder na vila assenta num estilo de governo que caracteriza dezenas de presidentes de câmaras municipais galegas: o caciquismo e a íntima relação entre o poder económico do

autarca e gestom municipal, utilizada para fortalecer ainda mais a influência de umha família que, já por si própria, conta com umha das redes empresariais de maior êxito da Galiza. Aproveitando o rescaldo informativo deixado polo vídeo que mostrou ao mundo a prepotência económica e até sexual de António Campo, NOVAS DA GALIZA foi a Ortigueira, e

comprovou como as imagens divulgadas pola Internet nom som, nem de longe, o principal motivo de preocupação de muitos e muitas orteguanas. A família Campo apodera-se da vila a um ritmo vertiginoso graças a um governo municipal ideado para o benefício próprio e o de amigos, como a ENCE, que ocupa vias públicas com total impunidade. / Pág. 10

E AINDA...



OPINIOM: A escritora Teresa Moure critica o consenso ambientalista contra as açõs ‘anti-peleteiras’ / 02

ENCE PREVÊ MULTIPLICAR a produçom ampliando a central de Návía e abrindo outras nas Pontes / 04

UMHA SENTENÇA FIRME ordena o encerramento e demoliçom de Lake Oil, como pedira NGZ / 05

ENTREVISTAMOS CARLOS VÁZQUEZ, o sindicalista ourensano condenado por participar num piquete informativo / 07

Opinions de Vitor Manuel Lourenço Peres, ex-director do Portal Galego da Língua



NOVAS DA GALIZA entrevista cinco protagonistas do encontro nacionalista

Discrepâncias irrompem com força às portas da XII Assembleia Nacional do BNG

Nunca tantas listas se apresentaram ao Conselho Nacional do Bloco Nacionalista Galego. O ‘quintanismo’, que assimilou grande parte dos chamados ‘nom adscritos’, conta com o apoio da UPG, do PNG e de Inzar. É a lista oficial com a qual concorrer, por enquanto, mais três listas críticas, a do chamado ‘camilismo’ (A Alternativa), a do ‘beirismo’ (Encontro Irmandinho) e a do Movimento pola Base, integrada nomeadamente por militantes do sindicalismo e apoiada por Isca!. É o resultado de fortes tensões internas, que se vinherom a agudizar desde a última assembleia

e que resituárom bastantes dos seus e das suas protagonistas em famílias políticas inesperadas para o público geral. No fundo, porém, escondem-se debates já antigos que sempre confrontárom a direcçom do BNG com diferentes sectores do nacionalismo mais reticentes à ‘deriva autonomista’ da frente. A digestom do poder e a proposta de um novo modelo organizativo mais convencional abriu a caixa de Pandora. Roberto Mera, Roberto Vilameá, Charo Fernández Velho, Mario López Rico e Paula Castro respondem às perguntas da NOVAS DA GALIZA. / Pág. 14

Conselharia da Educaçom fala de “mapas ilegais” e ameaça “retirá-los das escolas”

Incompreensível reacçom da Junta à polémica provocada polos mapas da Galiza de NÓS-UP / 13



Libertando os visons

TERESA MOURE

Mais umha vez, tivo lugar umha solta numha granja de visons e mais umha vez a notícia espalhou-se entre grande alarme social. Os grupos ambientalistas apressáram-se a condenar a açom, apontando que os visons som carnívoros vorazes e podem desequilibrar o ecossistema. Com certeza será verdade, mas num país como este, onde se pratica com teimosia a imolaçom dos recursos naturais em beneficio das construtoras, das papeleiras, dos petroleiros, surpreende-me a preocupaçom com os danos que podam causar os visons. Será que comem assim tanto?

O ambientalismo adopta amiúde a versom moderada da defesa do meio natural, umha versom com a qual penetrou na política institucional e com a qual pode ser burocratizado o movimento. Evidentemente, os espaços para a açom política som infinitos; ora bem, o perigo está em promover açoms paliativas verdes sem nos questionarmos nada. Consumirmos produtos da linha 'verde', reciclarmos embalagens, usarmos combustíveis sem chumbo ou despejarmos menos detergentes daninhos às águas pode aliviar a nossa consciência, mas o mundo continuará igual que antes: nada verde e insustentável. O pensamento ecológico, na versom radical, obriga-nos a questionarmos a nossa realidade quotidiana por inteiro. Nom há nada de bom no consumismo ambiental porque o problema nom é conseguir que as pessoas consumam saudavelmen-

“COM O ARGUMENTO DA FEROCIDADE DEPRADADORA DOS VISIONS HAVERIA QUE FECHAR OS HUMANOS, OS DEPRADADORES MAIS FEROSOS QUE SE CONHECE, OCUPADOS SEMPRE EM DOMINAR A NATUREZA COM MUDANÇAS IRREVERSÍVEIS. PORÉM, NUNCA OUVIM QUE NOS DEVESSEM METER EM GRANJAS. POR ISSO, TENHO QUE DIZÊ-LO, EU LIBERTEI OS VISIONS. E SE NOM O FIGEM, GOSTARIA MUTTO DE TÊ-LO FEITO.”



te, mas que as pessoas que vivem em sociedades dilapidadoras consumamos menos; nom se trata de exercermos o nosso poder aquisitivo responsabilmente mas de nom exercermos ou de o fazermos com menos frequência. É com isto tem muito a ver o assunto dos visons.

O visom é um mamífero carnívoro da família dos mustelídeos de cabeça larga, orelhas e patas curtas. A sua pele, de extraordinária suavidade, mesta e brilhante, é

considerada um luxo para o abrigo e o adorno. Suponho que, se fôssemos lapsons, se vivêssemos na tundra, ou na Sibéria, se estivéssemos todo o dia a trabalhar ao ar livre, seria natural querermos-nos apropriar da pele de um animal morto para nos cobrirmos. Mas a alta peletaria consiste no contrário: em reservar a melhor pele para cobrir pessoas que nunca estão ao relento, que debaixo do agasalho nom levam roupa abundante mas que vam quase despidas. Para que essas

pessoas tenham umha marca de classe, centos de animalinhos amontoam-se em granjas fedorentas e deixam de viver a sua existência digna de animal selvagem que corrira, escudrinha, foça, dorme, fornicava, respira para viver umha vida numha gaiola cheia de excreções. Afinal vam esfolá-lo violentamente para que a pele luza o esforço e poda vender-se a preços de luxúria em estabelecimentos onde a maioria nunca entramos.

O assunto dos visons bate nas

nossas consciências e fai-nos reflectir. Porque, mesmo um movimento de tanto fundamento ético como o ecológico, pode acabar absorvido polo capital. Se o ecologismo consiste em desafiar o actual estilo de vida, medidas como libertar os visons nom som tam violentas, nem tam excêntricas como costumam parecer através dos meios de comunicação: som desafios. Libertando os visons chama-se a atençom da sociedade para as condições de vida em que mantemos as outras espécies. Ser humano nom é ser melhor; é ser diferente e algo de responsabilidade deveria ir implícita na diferença, polo menos nas condições de vida que damos aos indivíduos que vivem nas nossas granjas... mas o capital nunca tivo ética. Com a libertaçom dos visons é destruída umha propriedade privada indecente, ainda que nom ilegítima segundo parece, a propriedade de quem se torna rico sobre o sofrimento animal. Surpreende-me que os grupos ambientalistas levem as maos à cabeça lamentando a atitude radical dos libertadores. Bem está que se preocupem com o ecossistema, mas com o argumento da ferocidade depredadora dos visons haveria que fechar os humanos, os depredadores mais ferozes que se conhece, ocupados sempre em dominar a natureza com mudanças irreversíveis. Porém, nunca ouvim que nos devêssemos meter em granjas. Por isso, tenho que dizê-lo, eu libertei os visons. E se nom o figem, gostaria muito de tê-lo feito.

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tens algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejás transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverão ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçoms, como também de resumí-las ou extractá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antissociais intoleráveis.

Endereço: pelourinho@novasgz.com

QUEM SÃO AS GALEGAS E OS GALEGOS?

Pareceria correcto, num jornal como o Novas da Galiza, o reconhecimento das pessoas que são efectivamente galegas e galegos (e, no entanto, leoneses, romenas, malinkés ou manchus) pelo facto de trabalharem e terem as suas relações sociais no País. Poderia ainda compreender-se a defesa dos direitos civis de quem, nascendo na Galiza, vê-se obrigado a emigrar (outro galo cantava nas eleições se votasse a força de trabalho deslocada nas Canárias ou na Catalunha!). Mas é inadmissível a reclamaçom da cidadania, por meio da 'nacionalidade espanhola', para a terceira geraçom da chamada diáspora galega, reclamaçom que se esconde entre as linhas da notícia 'Estatuto do emigrante

discrimina terceira geraçom da diáspora', publicada no mês passado. Em primeiro lugar, porque se baseia numa suposta galeguitude cultural que seria transmitida na emigraçom à descendência dos e das nascidas aqui e dar-lhes-ia direito à cidadania (note-se a armadilha 'convergente' para as e os imigrantes, que só obteriam o mesmo se aceitassem sem resposta tal uniformidade cultural, renunciando à sua herança própria e dividindo-se entre o grupo dos e as integráveis e o do lúmpem). E, para além disso, porque esta discutível herança cultural não é nem questionada nem comprovada, supondo-se inerente a toda a descendência de galegos e galegas, e transmitida, pois, pelo sangue. Esta visom essencialista, geneticista e, enfim, racista de um *volkgeist* da galeguitude é própria de nacionalismos reacçomários do século XIX, e não de um meio soberanista de esquerda como é o Novas.

Com a migraçom, como com tudo, cumpre estarmos bem despertos para evitarmos preconceitos que, embora podam ser explicáveis pela influência do ambiente, a educaçom ou a sociedade, não podemos justificar nem perpetuar com a sua transmissom.

Iván Cuevas

NEM NO FRANQUISMO!

O processo judicial contra o independentista basco Iñaki de Juana Chaos dá umhas quantas liçons a quem ainda acreditar nas bondades da "democracia espanhola", mas tenha a razom ainda esperta e sensível à crítica e à justiza mais elementais. A condena a 12 anos de prisom (e nom digamos já a petiçom fiscal inicial de 98 anos!) por escrever dous artigos de imprensa seria umha barbaridade e um escândalo até

baixo regimes políticos abertamente fascistas, como o Franquismo. Nem baixo a ditadura do delito político e de opiniom estava punido com condenas tam duras e injustificadas como a que se dictou contra De Juana. Reparemos em que, se bem o exigível é que em democracia nom exista o delito político e de opiniom, aqui já seria um grande passo adiante que, quando menos, fosse punido com a mesma severidade que o fazia o franquismo. O Tribunal de Ordem Pública era, neste caso, bem mais indulgente que a actual Audiência Nacional. E a quem ainda nom tenha lido os artigos em questom, recomendo-lhe que os leia (estão disponíveis na internet através de Gara), e que reflecta sobre a precariedade absoluta dumha democracia que supe-rou o franquismo na dureza dos seus repressores, e na cumplicidade dos seus cidadãos.

Sandra Gómez

Liberdade, constância e opinião

VÍTOR MANUEL LOURENÇO PERES

“O FUTURO COMUNICACIONAL ALTERNATIVO, LIVRE E A VONTADE DE TRABALHO, CONJUGANDO O PROFISIONALISMO COM O COMPROMISSO DAS PESSOAS E MOVIMENTOS SOCIAIS”

Podem fazer-se jornalismo livre, continuado e influente? Podem amadores fazer parte das redes jornalísticas sem elas perderem credibilidade? Estas e outras perguntas podem surgir quando falamos dos meios alternativos de informação que, nomeadamente na rede, nasceram e se multiplicaram nos últimos anos. Quando, designadamente na altura da catástrofe do Prestige, esse jornalismo ‘popular e livre’ apareceu com força na Galiza, muitas pessoas puderam ver que havia mais possibilidades daquelas que nos oferecia o ‘sistema controlado’.

Talvez as experiências possam ajudar a compreender a importância e vitalidade que estes projectos estão já a ter hoje, mas ainda poderão vir a ter muita mais num futuro (e por isso, por exemplo, começa o debate nas elites sistémicas do controlo da rede de redes). Na Galiza, cingindo-me à minha actividade dos últimos 5 anos, uma pequena associação soube aproveitar esse canal para criar opinião e informar livre e continuamente.

O Portal Galego da Língua impulsionou grandemente desde a sua criação uma metodologia talvez pouco explorada (embora algum exemplo existia) no campo da língua: a prática da teoria reintegracionista não elitista, mesmo transfronteiriça, a prática da liberdade banindo a censura, que resultou em inúmeras colaborações e na consolidação como referente da comunicação social, no seu terreno.

Com efeito, a liberdade com que sempre se tentou agir nesse meio permitiu que o portal fosse atingindo patamares nem sequer sonhados num primeiro momento. Essa liberdade permitiu que pessoas e associações, mesmo contrárias aos posicionamentos da AGAL, ou então críticas com a mesma, pudessem expressar sem qualquer problema as suas ideias, pudessem enviar os seus comunicados e, afinal, até tivessem a oportunidade de se darem a conhecer publicamente. O resultado foi a abertura social, sem por isso a associação patrocinadora e o próprio meio terem renunciado à sua própria idiossincrasia.

A constância fez com que a diário houvesse pessoas que tinham a necessidade de aceder ao PGL – existia «procura» do mesmo, pois continuamente se estava a noticiar quer acerca da actualidade mais conhecida e divulgada por outros meios, embora com uma perspectiva própria, quer acerca

de eventos de grande importância mas ignorados pela grande e convencional comunicação social galega. Assim, a informação, a produção própria e o contínuo ritmo de informações envolveu uma comunidade que começou a sentir o portal com meio de comunicação sério, responsável e livre, e que também sentiu que podia sair do seu ‘gueto’ particular. Ainda, o próprio dinamismo provocou que, aos poucos, e de uma maneira não maciça mas sim qualitativamente importante, o portal começasse a ser um referente para um grande número de sites da Internet e não só, com meios da imprensa escrita ou rádios como a Galega a referenciarem o PGL nas suas emissões. Este pulo, o de um meio capaz de criar um incipiente estado de opinião pública, acho, foi a meta que, finalmente, sagrou a importância já não virtual mas real para o reintegracionismo, a Lusofonia toda e, também, para a própria Galiza do Portal Galego da Língua e todos os seus sites associados.

Não faço muita ideia de se o manifestado até aqui tem sido demasiado pretensioso. Em vez de construirmos um gigante com pés de barro, é preciso reconhecermos que o melhor é termos um pequeno alicerce sólido, não muito significativo na massa social galega, certo, mas já com alguma transcendência nalguns sectores linguísticos salientáveis. É também preciso reconhecermos o envolvimento dessa massa activa, quer nas tarefas necessárias para o seu andamento quer na divulgação e consulta. Enfim, é preciso reconhecermos a necessidade de contar com profissionais que nos saibam orientar do ponto de vista técnico, jornalístico. Assim, dessa maneira, a junção colaboradores-profissionais será plena e construtiva.

A minha visão é amadora, mas o futuro comunicacional ‘alternativo, livre e consciente’ deve ter em conta a constância e a vontade de trabalho, conjugando o profissionalismo com o compromisso das pessoas e movimentos envolvidos na construção, defesa e promoção de uma outra ideia de informação, mais humana, mais livre e, com certeza, mais crítica. A nível ‘global’ já os há consolidados e a cooperar entre eles; a nível galego vão caminho dessa consolidação e cooperação, apesar das dificuldades. Não são a última esperança, mas são esperança, como foi nestes últimos 5 anos o Portal Galego da Língua.

NOVAS DA GALIZA

EDITORIA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Carlos Barros G.

CONSELHO DE REDACÇÃO
Alonso Vidal, Antom Santos, Iván García, Xiana Árias, Sole Rei, F. Marinho, Gerardo Uz, María Álvarez, Eduardo S. Maragoto, André Casteleiro

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇÃO
Miguel García, C.Barros, A. Vidal, X. Árias

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel García

FECHO DA EDIÇÃO: 15/11/06

INTERNACIONAL
Duarte Ferrín
Nuno Gomes (Portugal), Jon Etxeandia (País Basco) Juanjo García (Países Cataláns)

COLABORAÇÕES
Opiniom. Maurício Castro, X. Carlos Ánsia, Santiago Alba, Daniel Salgado, Kiko Neves, J.R. Pichel, R. Pinheiro, Carlos Taibo, Germán Ermida, Celso Á. Cáccamo, Jorge Paços, Adela Figueroa, João Peres, Pedro Alonso, Luís G. Blasco ‘Foz’, Alberte Pagán, Concha Rousia, Xurxo Martínez, Alexandre Banhos, Iván Cuevas, Raul Asegurado, Miguel Penas. **Música.** Jacobo Pintor. **Galiza Natural.** João Avelado. **Sensualidade.** Beatriz Santos. **Língua Nacional.** Valentim Figim. **Descobre o que sabes.** Sálva Gomes. **Desportos.** Anxo Rua Nova, Xavier S. Paços. **Cozinha.** Joana Pinto, Miguel Burros, Ana Rocha

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ
Natália Gonçalves

ASSINANTES
Irene Cancelas Sánchez

PUBLICIDADE
Natália Gonçalves

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartín, Pepe Carreiro, Pestinho +1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo Vilas, Farruquinhos, Adançeiros sem fronteiras, Xosé Manuel

CORREÇÃO LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto
Fernando Vázquez Corredoira
Vanessa Vila Verde

As opiniões expressas nos artigos nom representam necessariamente a posicóm do periódico. Os artigos som de livre reproducóm respeitando a ortografía e citando procedéncia. A informacóm continua periodicamente no sitio web www.novasgz.com e no portal www.galizalivre.org

MAPAS ‘ILEGAIS’ E AUSÊNCIA DE DEBATE

Com a recente ‘polémica do mapa’, a Galiza retratou-se em poucos dias. Na tona da actualidade apareceu a polémica dos limites territoriais do País, mas antes disso apareceram uns actores, umha cultura política e uns preconceitos tam assumidos que se vivem como virtudes quotidianas. Podemos ler na pequena história desta desavença o funcionamento de uns poderes que se instalaram orgulhosos na surdez.

Que um movimento nacional empenhe os seus esforços e argumentos na defesa da restauracóm territorial é algo perfeitamente lógico, até o ponto de constituir um sinal destacado de todas as luitas identitárias europeias, da Bretanha à Catalunha. Que forças cívicas minoritárias monopolizem umha reclamaçóm ausente das esferas institucionais ou académicas mostra até que ponto as maiorias dominantes do País, tam obsesionadas pola modernidade, tenhem interiorizado os quadros geográficos que o liberalismo novecentista traçou a esquadro e régua. E que os meios de comunicacóm

editados na Galiza divulguem a questóm territorial só para respaldarem a mais primitiva reacçóm espanholista demonstra que se preocupam menos com as dinámicas da sociedade civil que da cumplicidade estreita com o poder do ‘talonário’.

Pretender ‘proibir’ um mapa nos centros de ensino é umha barbaridade evidente. Calar perante esta pretensóm totalitária porque a protagoniza umha conselheira progressista é contribuir com mais um grau de areia para umha normalidade doentia que se espalha como um tumor. Estamos perante umha oportunidade magnífica para reabrimos outro dos debates que fechou 1936, e que a valentia do primeiro galeguismo lançou, precisamente, em tempos de debate estatutário. Se as elites preferem calar ou ameaçar com a proibicóm – com o beneplácito do nacionalismo institucional e as suas inamovíveis fronteiras geográficas e mentais –, entom é que este País continua instalado nos esquemas impostos por três lustros de fraguismo.

SUSO SANMARTIN



NOTÍCIAS



Pressom popular paralisa macro-polígono industrial em Trás-Ancos

REDACÇOM / A pressom popular conseguiu que a Conselheria da Habitaçom, a Câmara Municipal de Ferrol e a Autoridade portuária decidiram recuar na intençom de colocar um macro-polígono industrial nos montes de Briom e Leixa, cuja ladeira norte vai dar à lagoa de Doninhos, lugar proposto para fazer parte da Rede Natura 2000.

Todos os grupos municipais -PP, IF, PSOE e BNG- tinham defendido desde o princípio a localizaçom do polígono nesse lugar, que unicamente contou com a firme oposiçom popular da Comissom pola defesa patrimonial e natural dos montes de Briom e Leixa, que leva mais de dous anos de batalha pública contra este parque de apoio logístico ao porto exterior de Canelinhas, que suporia o desmantelamento de um espaço natural de enorme potencialidade para desenvolver um maior uso sustentável. A comissom ressalta que os lugares que foram escolhidos para o polígono som "utilizados pola populaçom ferrolana para passar o seu tempo de lazer (existem rotas para bicicleta e caminhadas) ou admirar o importante valor arqueológico do qual dispoim a zona, já que existe umha necrópole que consta de umhas 37 mámoas que estam catalogadas". Neste sentido já tinham apresentado um recurso perante a Conselheria do Meio Ambiente da Junta da Galiza.

Finalmente, as razoms oficiais para o abandono do projecto, e a conseguinte procura de umha nova localizaçom dada polos organismos implicados nom recolhem aspectos como os paisagísticos ou culturais e centram-se nos elevados custos de construçom: 220 milhons de euros (19 por cento mais do que já vinha recolhido no ante-projecto) e, sobretudo, a impossibilidade de dotar-se nesse lugar de umhas vias de comunicaçom adequadas ao meio de transporte a utilizar.

Para NOS-UP, organizaçom integrante também da plataforma, a incertidom sobre a nova localizaçom é preocupante por nom se terem dado alternativas concretas "ao que poderia agudizar o problema se é que realmente a única alternativa passa ineludivelmente por achar-se dentro dos limites do município ferrolano".

Comissom Europeia estuda eliminar sistema actual de quotas lácteas

Há lustros que a Galiza se mobiliza contra a quota láctea que impom a Política Agrária Comum (PAC), limitando a produçom leiteira, e também contra a chamada 'supertaxa' - multa aos produtores de leite cujas exploraçoms ultrapassam o limite fixado. Como conseqüência da negativa da Europa de nom liberalizar esse sistema até 2015, o agro galego tivo que

reconverter-se para de algumha forma 'aprender a subsistir' na nova conjuntura. No entanto, e numha viragem inesperada do estado de cousas, a comissária europeia da Agricultura, a dinamarquesa Marianne Fischer Boel, levou às altas esferas comunitárias umha proposta para antecipar a 'caducidade' do sistema de quotas a partir de 2008.

REDACÇOM / A proposta da comissária, se realmente se fiver efectiva no prazo proposto, prejudicaria os interesses da agricultura galega em várias frentes. A primeira e mais imediata seria que deixaria invalidado o Plano Lácteo de 2006, que entraria em vigor a partir do ano próximo e que o Ministério da Agricultura espanhol quer aprovar apesar da divisom que está a produzir em todo o Estado, tanto a nível de Comunidades Autónomas quanto no que di respeito aos produtores. Esta rejeiçom é ainda maior na Galiza, porque o nosso país é o principal produtor de leite, mas essa situaçom nom se viu reflectida, por enquanto, no sistema de distribuicão de quota dentro do Estado.

Umha outra frente, relacionada com a anterior, é que nos últimos anos os camponeses galegos já investiram mais de 215 milhons de euros - segundo fontes do sector - a comprar

quota láctea.

Desde o ano passado, e ainda no começo deste, abriu-se a possibilidade de compra e venda de quota entre particulares, mas os elevados preços fiveram com que o investimento realizado superasse com muito as estimaçoms iniciais da Administraçom. Ainda, tampouco se pode esquecer que o Ministério da Agricultura tentou vender este ano a quota de que dispoim no seu banco coordenado - que 'alimenta' todas as Comunidades Autónomas -, mas a um preço de 27 cêntimos por quilo, que na prática está sendo quase o mesmo preço ao qual os camponeses galegos estam a vender o seu leite - em média, 28 cêntimos.

Desde U.U.A.A. consideram que a proposta europeia obedece a umha "posiçom sectária" por parte da comissária, a dinamarquesa Marianne Fischer Boel, "que defende um 'lobby' de dous Estados, a

Dinamarca e os Países Baixos, e os de três cooperativas que aglutinam à sua volta uns 18 milhons de toneladas [de quota]". Estes números, comparando, som três vezes mais do que toda a quota de que dispoim o Estado espanhol - actualmente seis milhons. Tanto esta organizaçom como o Sindicato Labrego Galego (SLG) defendem umha regulaçom para adequar a quota de cada país ao seu consumo de leite. Põem como exemplo o Estado espanhol, onde o consumo de leite é mais do dobro que a actual quota, de maneira que para cobrir as necessidades do mercado é importado leite de fora, que concorre com o próprio.

Distorçom do mercado

Precisamente, os preços do leite som outra das frentes abertas. A liberalizaçom do sistema permitiria as grandes agriculturas europeias - beneficiadas de sistemas de produ-

çom aplicáveis em economias de escala - produzirem sem limite, liberalizarem os seus excedentes no mercado galego e provocarem umha "brutal descida dos preços que distorceria fortemente o nosso mercado e prejudicaria sobretudo as exploraçoms familiares da Galiza", alertam os sindicatos.

Ademais de invalidar o Plano Lácteo espanhol, impedir a rentabilizaçom dos investimentos dos ganadeiros galegos e de provocar umha descida nos preços, umha quarta frente em que repercutiria esta medida - apoiada pola Dinamarca, o Reino Unido, a Irlanda, a Suécia, os Países Baixos e parte dos 'länder' alemans - é a sócio-ambiental. E é que a desregularizaçom total do mercado e a queda dos preços provocariam um maior despovoamento do mundo rural. Unido a isto estaria "o abandono da terra, com umha das suas conseqüência mais destrutoras: os incêndios", advertem no SLG.

CARLOS VÁZQUEZ, SINDICALISTA DA CIG

“As absurdas pressões judiciais nos farão mudar de atitude”

ALONSO VIDAL / A 20 de Junho de 2002, durante a Greve Geral que obrigara o governo a retirar o ‘Decretazo’, produziu-se um incidente no centro comercial Ponte Velha de Ourense ao cair uma porta durante o tumulto produzido na acção de uns piquetes informativos. O sindicalista da CIG Carlos Vázquez fora acusado de danos e condenado pelo Julgado do Penal nº 2 de Ourense à pena de seis meses de multa à razão de 6 euros por dia e ao pagamento de uma indemnização de 5.700 euros. A sentença foi obviamente recorrida pela CIG, mas curiosamente também pela fiscal que solicitou a ampliação a uma pena de três anos e um mês de cadeia por um suposto delito contra os direitos dos trabalhadores. Agora, a Audiência Provincial acabou de sentenciar de forma salomónica, desvalorizando os dous recursos. O Novas da Galiza falou com Carlos Vázquez sobre esta curiosa actuação da Fiscalia contra um sindicalista.

Estás moderadamente satisfeito...

Bom, para mim, por um lado foi positivo o facto de que se estimasse o recurso da Fiscalia. Mas vemos com preocupação que se desatendesse o nosso recurso, uma vez que não vemos que ficasse demonstrado no julgamento a minha responsabilidade de no derrube da porta. É claro que a porta não reunia as condições necessárias de segurança e durante o tumulto caiu.

Porquê esse recurso da Fiscalia a uma sentença já condenatória?

Isso é o fundamental do tema: essa insistência da Fiscalia. O natural é que a Fiscalia deixasse o tema uma vez que foi sentenciado em contra de nós. Mas a sua intervenção vem-lo

como um assanhamento contra a actividade sindical que está fora de lugar. Estavam a tentar limitar o direito à greve. Tentaram que ficara claro que as pessoas que participam num piquete informativo podem ser perseguidas e envolvidas num processo penal.

Nom é a primeira vez que acontecem estes estranhos comportamentos e sempre anda a CIG no meio. A pressom judicial é mais forte contra o sindicalismo nacionalista?

Acho que sim, porque talvez seja este sindicato o que mais abertamente defende os interesses operários de um ponto de vista fundamentalmente combativo. E isso há que travá-

lo como quer que seja, porque esse modelo sindical reivindicativo não interessa. Mas a CIG não vai apanhar medo. Som muitos anos e estas absurdas pressões judiciais nos farão mudar de atitude.

E a Fiscalia pom o mesmo empenho na perseguição dos delitos contra os trabalhadores e as trabalhadoras?

Nom, claro. É curioso que nom actue de ofício por exemplo quando as condições de higiene ou segurança no trabalho nom som idóneas. Nesse caso temos que ser os sindicatos os que nos dirijamos a ela para denunciar e conseguir que se faça algo. Os interesses que defendem estão claros.

Contente com o apoio recebido?

Estou. Fundamentalmente com o meu sindicato, que se mobilizou na minha defesa, e também com muitas pessoas que me mostraram publicamente e em privado o seu apoio, porque entendiam que a acusação se formulava contra uma forma de agir sindicalmente, e nom apenas contra uma pessoa. Lamento que este apoio faltasse por parte das outras centrais sindicais, que também convocavam a greve em que se produziram os factos, mas que se escondêrom totalmente quanto a esta causa aberta. Salvo um companheiro da UGT, que me apoiou a título pessoal, mesmo declarando no julgamento, a solidariedade sindical nom se viu nenhures.

CRONOLOGIA

◆ 10-10-06
Entra no cárcere o suposto autor de um incêndio que queimou cerca de 800 hectares em Rianjo e Dodro em Agosto.

◆ 11-10-06
Segundo a Reuters, os governos espanhol e estado-unidense analisam o terreno na área de Palomares após a aparição de caracóis afectados pola poluição radioactiva.

◆ 14-10-06
O programa de acolhimento familiar da Cruz Vermelha precisa de 50 lares para crianças provenientes de unidades familiares inadequadas.

◆ 15-10-06
Frente de Libertação Animal ceivisa de três granjas numha acção com a qual pretendem reivindicar o direito à vida de todas as espécies e causar o maior prejuízo económico possível aos seus exploradores.

◆ 16-10-06
Publicado um estudo que demonstra que os gases de efeito de estufa foram os causadores do degelo de um bloco de 3.250 quilómetros quadrados na Antárctica.

◆ 17-10-06
O presidente da Sociedade Galega de Historia Natural salienta a necessidade de determinar por lei medidas de segurança que evitem fugas accidentais de visons das 40 granjas existentes na Galiza e que som a causa da existência de duas colónias estáveis desta espécie no Sul da Galiza.

◆ 18-10-06
Começa em Compostela o Congresso Mundial de Mulheres da Via Camponesa.

◆ 19-10-06
Federação Galega de Transportes da UGT denuncia que a limpeza de contentores da central de Foresa situada nas margens do Úmia está a ser realizada por Transportes Cabalar.

Denunciam bñom clandestina da nova Cámara de Vigo

REDACÇOM / A Presidenta da Cámara Municipal de Vigo, Corina Porro (PP), quijo organizar a inauguração de uma nova sede municipal, na rua Areal (antiga reitoria), da mesma forma que se teria feito em plena efervescência nacional-catolicista do mais ranço período franquista. Segundo denunciou publicamente a organização *Vigo de Esquerda*, o pároco de Santiago de Vigo deslocou-se até o local para proceder a benzer as instalações. Isso sim, sem imprensa, para nom exaltar os ánimos dos sectores laicos da sociedade viguesa. A pompa católica contou também com a colocação de uma litoграфия do Cristo da Vitória. A organização soberanista, que

se apresentará às próximas eleições municipais na cidade, considero que os factos denunciados “representam uma falta de respeito aos mais elementares direitos do povo viguês, mesmo aqueles recolhidos na antidemocrática constituição espanhola, discriminando todas as viguesas e vigueses que nom comungam com a religiom católica”. Exigem à actual presidenta que mantenha “uma atitude laica e de respeito à independência das intuições que se supõem nom confessionais, desculpando-se publicamente pola sua decisom e retirando toda a simbologia católica presente em instalações de titularidade municipal.

Touriño e Feijoo indistinguíveis, Anxo Quintana satisfeito

REDACÇOM / O debate estatutário, se continuar polo mesmo caminho, poderá levar a pensar à população galega que nom entende nada de política, complexo, diga-se de passagem, nada recente. Sendo difícil entender o complicado debate terminológico, reservado para eruditos lexicógrafos que parecem conseguir ver diferenças de fundo entre expressões como ‘nacionalidade histórica’, ‘realidade nacional’, ‘nación’ ou ‘nazón’, mais complexo é captar as implicações práticas de uns ou outros termos figurarem no preâmbulo. Mas se já isto nom era singelo, o facto de que o Presidente da Junta, Emilio Perez Touriño, e o do Partido Popular da Galiza,

Alberto Nuñez Feijoo encenassem a 15 de Novembro um entendimento apresentado polos meios de comunicação como improvável até o mesmo dia anterior, e que Quintana se mostrasse satisfeito com este avanço torna ainda mais incompreensível o papel jogado por cada partido nestes pré-acordos tácitos. Todo parece indicar que o resultado do debate serão duas conclusões de peso: nem o BNG fazia falta para fazer avançar um Estatuto de primeira, nem o longo debate institucional com que nos fai acordar diariamente a nossa classe política fazia falta para fazer avançar o novo Estatuto, seja ele como for.



o pichel
centro social
rua santa clara, 21
compostela



CACHAN
Feireiros 16



MARIA CASTAÑA



o dezaseis
Casa de Xantar



CASA DAS CRECHAS
Via Sacra, 3 - 15704 Compostela
info@casadascrechas.com



◆ 20-10-06

Deputação de Lugo aprovou a adjudicación do aluguer de carros para os vindouros quatro anos à empresa mais cara das três propostas apresentadas a concurso: Servilugo S.L.

◆ 21-10-06

Vizinha de Maçaricos denuncia cortes no abastecimento eléctrico na mesma zona onde se situa a maior das instalaçõs eólicas da Galiza.

◆ 22-10-06

Inundaçõs em vários municípios das Rías Baixas.

◆ 23-10-06

Junta anuncia que activará em 2007 um centro de referència para mulheres vítimas de maus tratos.

◆ 24-10-06

Um relatório da Uniom Mundial de Conservaçom afirma que até metade dos recifes de coral do mundo poderiam desaparecer nos vindouros 40 anos se nom se tomarem medidas urgentes para protegê-los das mudançãs climáticas e de outras ameaças.

◆ 25-10-06

2012 é o ano marcado pola comunidade científica internacional para os governos adoptarem o 'plano de conservaçom do alto mar' que está a elaborar para tentar travar o crescente deterioro dos oceanos e a desaparición de peixes derivada da poluição.

◆ 26-10-06

Bancos marisqueiros de Cee e Corubiom estragados pola lama arrastada polas cheias.

◆ 27-10-06

Construtores de Ames, Vigo e Compostela imputados por colaborar com umha rede que trazia trabalhadores do Brasil para serem explorados.

◆ 28-10-06

Cinco empresas galegas integradas em Recuperalia Nuevas Energías negocian com a Junta a criaçom de umha petroleira galega que introduza maior concorrência no mercado.

◆ 29-10-06

Trabalhadores da central de Brenntag incendiada em Caldas concentram-se para reclamar que se mantenham os postos de trabalho.



Apresentam-se mais listas alternativas para as eleiçõs municipais

Cangas e Ponte Areias somam-se às iniciativas viguesas C.I.E.S. e Vigo de Esquerda

REDAÇOM / O fenómeno das listas alternativas aos partidos políticos com representaçom parlamentar ameaça vir a crescer nos concelhos galegos, nomeadamente e por enquanto nos do Sul do País. As eleiçõs autárquicas de Maio serám o primeiro ensaio para estas candidaturas que se caracterizam pola defesa de programas políticos sobe-

ranistas e de esquerda, com marcado carácter ambientalista e oposto à especulaçom urbanística, tam ligada à gestom das nossas câmaras municipais. Umha fórmula similar foi ensaiada com êxito nos Países Cataláns, onde as candidaturas de unidade popular se encontram já presentes em muitas câmaras.

A 28 de Outubro apresentava-se no local social ponte-areia Baiuca Vermelha a candidatura Ponte Areias de Esquerda, que pretende aglutinar os sectores da esquerda soberanista local em torno de umha lista rupturista e "à margem das forças tradicionais do turnismo institucional". Abraám Alonso, portavoz do grupo promotor desta iniciativa, comprometeu-se a configurar umha lista representativa dos interesses do povo trabalhador de Ponte Areias e salientou que esta candidatura poderia ser "a chave na mudançã do Governo municipal". O

militante independentista dirigiu as principais críticas ao candidato do BNG Roberto Mera, pola desconfiança que gera na esquerda soberanista local depois de ter liderado um grupo de 'nom adscritos' dentro do BNG que teria atraído ao receber um 'postinho' na direcçom da organizaçom frentista, sempre segundo Abraám Alonso.

Nos últimos anos tem-se desenvolvido umha grande actividade política de carácter independentista nesta vila do Condado, nomeadamente em torno da organizaçom NÓS-UP.

Neste mesmo mês, vários militantes independentistas fõrom julgados por editar um cartaz que identifica a figura da anterior presidenta da Câmara com Franco.

Também em Cangas

Com parecido nome, Alternativa Canguesa de Esquerdas, mas evidentes diferenças programáticas, surge outra lista alternativa na vila do Morraço, cuja irmã mais próxima seria a C.I.E.S de Vigo. Esta candidatura estaria integrada pola Frente Popular Galega (FPG), que já conta com um vereador na

Câmara canguesa e pola Esquerda Unida, o Partido Comunista do Povo Galego e Independentes de Esquerdas. No programa publicado pola Alternativa apostava-se num urbanismo sustentável e em políticas sociais e ambientais de carácter progressista, mas obvia-se qualquer referència à questom nacional, sem referências à política lingüística ou cultural da Câmara. Onde sim coincidem com a proposta ponte-areá é nas críticas ao BNG e à oposiçom desta força política nas passadas legislaturas que qualificam de 'ambigüidade calculada'.

Ordenam encerramento e demoliçom de Lake Oil

REDAÇOM / O Julgado do Contencioso número 3 de Ponte Vedra rejeitou o último recurso apresentado por Lake Oil contra o fecho da empresa, instando a executar a ordem de encerramento e demoliçom que ditara a Câmara Municipal de Ponte Areias em Janeiro de 2005, cumprindo ordens dos tribunais. Desta maneira, a sentença ratifica boa parte das irregularidades denunciadas no Novas da Galiza do mês de Julho, em que o jornal informava sobre o desrespeito de ordens judiciais por parte da empresa e sobre a actuaçom da Fiscalia em defesa

dos interesses de José Manuel Lago, o empresário que administra a empresa declarada poluente. Pola parte de Lake Oil tinham-se negado a deter a actividade, mesmo chegando a rasgar em três ocasiõs os selos de encerramento, enquanto a Câmara Municipal aduzia nom dispor de meios para tal fim. Porém, tinham-se recusado a interromper o abastecimento eléctrico, umha medida que poderia ter permitido a execuçom das sentenças judiciais. Por este motivo, um vizinho afectado pola actividade de Lake Oil denun-

ciou o presidente da Câmara, Salvador González Solla (PP), por prevaricaçom, ao permitir a continuidade ilegal da empresa, processo que está a ser tramitado nos tribunais municipais. No entanto, o próprio Julgado do Contencioso acabou por absolver José Manuel Lago Díaz por desobediência, numha decisom outra vez controversa, pois o facto de incumprir reiteradamente mandatos judiciais fora constatado pola própria policia local de Ponte Areias, conforme consta em numerosos atestados. Por outro lado, o empresário mantém várias queixas-crime

contra Prudencio López, um vizinho especialmente activo no litígio contra Lake Oil. A empresa dispom agora de várias semanas para preparar a transferència da maquinaria e a preparaçom de umha nova fábrica que projecta na Caniça, a 25 quilómetros de Ponte Areias, ainda que polo momento nom conte com a autorizaçom da Câmara municipal. Contra a sua vontade, Lago Díaz terá que deslocar a actividade antes de instalar o núcleo de Lake Oil em Ponte Caldelas, em virtude dos acordos adquiridos com a Conselheria da Indústria.



Audiência Nacional instruirá processo contra a AMI

REDACÇOM / O Tribunal Supremo decidiu que a Audiência Nacional é o órgão competente para processar as treze pessoas processadas na sequência da chamada Operação Castinheira, iniciada a 14 de Novembro de 2005. A notícia foi difundida pelas principais agências informativas no passado dia 15, sem que tivessem conhecimento prévio do facto os advogados nem nenhuma das pessoas processadas, maioritariamente militantes da AMI. Conforme a informação difundida, o Julgado Central de Instrução do tribunal excepcional, presidido por Teresa Palacios, será o responsável pela instrução do sumário. A ilegalização da organização juvenil poderia estar entre os objectivos desta mudança de rumo na instrução.

O auto do Tribunal Supremo que agora conhecemos foi emitido, no entanto, já no mês de Outubro. Esta decisão apoia as reclamações tanto do juiz compostelano Míguez Poza como da Guarda Civil, partidários de que o processamento fosse instruído pela Audiência Nacional. No entanto, esta possibilidade tinha sido desconsiderada em reiteradas ocasiões. Desde a libertação das e dos militantes independentis-

tas nom se tinha conhecimento oficial do tribunal que seria responsável por umha causa que tinha sido desviada para o Julgado de Instrução de Compostela.

O Supremo, controlado polos sectores mais reaccionários da judicatura, anuncia um salto qualitativo no sumário ao lançar acusações de "delitos de pertença ou colaboração com banda armada", um dia antes, curiosamente, de tornar públicas as pesquisas para decretar se os integrantes organização juvenil basca Segi som declarados 'terroristas'. Fontes consultadas apontam a que este tipo de intervenções judiciais tentam incidir directamente no processo de reformas estatutárias e nas eventuais mudanças do ordenamento territorial e político do Estado.

Para o organismo anti-repressivo Ceivar, estamos perante um momento repressivo "cuja gravidade e beligerância política é inegável", polo que o definem como um "processo contra a dignidade nacional do País" em tempos de debate sobre o Estatuto de Autonomia que pactarām os três grupos políticos com representação no Parlamento da Galiza.

Inauguram A Faísca, um novo centro social em Vigo

A abertura do local social Faísca produziu-se a 3 de Novembro, o mesmo dia em que o novo local da Esmoga se apresentava publicamente. A iniciativa viguesa instalase no bairro do Calvário, no número 9 da rua Toledo, tendo como objectivo a criação de "um projecto novo, autogerido e aberto", destacando os princípios do "assemblearismo, a pluralidade e a independência a respeito de qualquer estrutura ou organização" a partir de posicionamentos soberanistas e de esquerda. O acto inaugural, com presença da vizinhança do bairro, realizou-se com umha merenda e a actuação de vários grupos de música tradicional. O local abre diariamente das 17h00 às 23h00.

Nova localização da Esmorga

O novo centro social da Esmorga abriu as portas na rua Telheira, num local de maiores dimensões próximo do campus universitário, que substituiu o anterior da rua Cabeça de Maceda. Após 2 anos de trabalho, nesta iniciativa sócio-cultural querem "continuar a construir umha outra forma de viver". Anunciam estarem perto de atingir as 100 pessoas associadas e manifestam vontade de ampliar o número de adesões para "enriquecermos o projecto e garantirmos maior viabilidade e visibilidade social". O acto de inauguração coincidiu com a apresentação da segunda edição do festival Cafés da Palavra, que se desenvolveu em diferentes pontos de referência da cidade das Burgas.

NOVAS DE ALÉM-MINHO

Doclisboa 2006. Documentário ou embuste

XAN G. VINAS / Articular um filme tomando o real como material narrativo, isto é, fazer documentário cinematográfico, constitui para muitos o caminho fundamental para fugir do erro expressivo em que se converteu desde há já várias décadas a sala de cinema. O modelo hollywoodiano impujo há cem anos o seu padrom narrativo baseado no relato ficcional de histórias que criaram o espectador alheado e indefeso perante as boas artes dos fabricantes de sonhos.

O filme documental, decerto, agride boa parte das dinâmicas alienantes que os traficantes de cinema do outeiro de Hollywood elaboraram com acerto para impedirem a chegada da realidade – isto é, da classe trabalhadora – ao ecrã cinematográfico. O documentário cria, em muitos casos, umha nova casta de espectador, consciente da sua posição receptora de umha narração complexa e subjectiva, que sabemos nom é inocente, nem de geração espontânea. O filme poderia

entom, aos poucos, converter-se em ferramenta de pensamento, reflexom e, assim, subversom. Mas a indústria – capitalista – do cinema acomoda-se às circunstâncias num princípio adversas com incrível facilidade, unindo-se ao inimigo para o neutralizar. Por isso, há que andar com tino.

A 4ª edição do Festival Internacional de Cinema Documental de Lisboa permitiu-nos ver de perto perigos vários. O primeiro, umha preocupante falta de concordância entre a vontade ideológica e a forma expressiva empregada em muitos documentários. Modelos narrativos da ficção mais detestável ingam boa parte dos filmes que pretendem oferecer luz sobre as injustiças sistémicas do aqui e hoje. Neste sentido, *China Blue* tenta denunciar à força de videoclips a exploração das trabalhadoras chinesas por parte de empresários ocidentais que deslocalizaram o negócio; *Sisters in Law* recorre ao sensacionalismo televisivo para nos aproximar do subdesenvolvi-

mento africano; em *Oxalá crescam pitangas*, filmado na capital de Angola, o magnetismo de vários meninos da rua e o ritmo acelerado da música angolana fai com que esqueçamos as condições materiais objectivas.

Noutro lote enquadra-se o que poderíamos chamar cinema documental de autor. Cineastas comprometidos com o futuro expressivo do cinema, mas afastados de preocupações colectivas. Num dos filmes de maior entidade da secção oficial, *A bailarina e o pescador*, o seu director, Valeri Solomin, serve-se de um grande rigor a manejar o tempo cinematográfico e de umha sobriedade formal que impressiona, para nos contar o quotidiano de umha família russa que mora na tundra siberiana porque gosta do contacto com a natureza. O filme atinge altas quotas expressivas mas apenas deixa lugar para a dialéctica.

No outro lado da barricada fica o cinema-operário. Aquele

que transmite a inquietação, a expressom e a luta da classe trabalhadora servindo-se sem restrições daquela que para Lenine era "a mais importante das artes". Nesta 4ª edição do Doclisboa emergiu com força o Ricardo Íscar com a sua *Terra negra*. O cineasta convive durante um ano com os mineiros da região astur-leonesa da Laciana, tirando desta relação um filme surpreendente que nos mete, pela primeira vez no cinema do Estado espanhol, no interior da mina de carvom. Em *Terra negra* convivemos com o colectivo mineiro na tragédia e na troula, na extracção de carvom sob a terra mas também na superfície, ao lado das mulheres e os filhos dos mineiros, a outra cara do sofrimento. Mas nom foi de graça. O Íscar teve de resistir as contínuas tentativas de censura do produtor do filme, Pablo Llorca, de maneira que a montagem que vimos em Lisboa dura quinze minutos menos que a desejada polo realizador; afinal, apenas mais um assalariado.



◆ 30-10-06

Morre umha trabalhadora que caiu de umha altura de dous metros na empresa Congelados Canosa de Camarinhas.

◆ 31-10-06

Um trabalhador de Mármoles Betanzos falece esmagado por umha prancha de mármore.

◆ 2-11-06:

Um estudo realizado na Universidade Dalhousie do Canadá revela que 90% dos exemplares de populações marinhas que se pescam hoje em dia desaparecerām em 2050 se continuarmos com o ritmo e modelo de capturas actual.

◆ 3-11-06

Parlamento galego aprova o início de um Plano de Eficiência Energética nas suas instalações, que empregará energias renováveis para incidir na poupança e limitarām as emissões poluentes para a atmosfera.

◆ 4-11-06

Dia Mundial contra a Mudança do Clima. Perante o incremento de 15% de emissões de CO2 sobre os níveis de 1990 que Quíto permitia ao Estado espanhol para 2010, este já superou 49%.

◆ 5-11-06

Ceivam visons numha granja de Ginzó de Límia.

◆ 7-11-06

Jornada de paralisación e mobilización no ensino secundário convocada pola Mocidade da Mesa pola Normalización Lingüística em prol de um maior emprego do galego nas aulas.

◆ 8-11-06

Parlamento basco admite a trámite umha proposição para instar o Governo espanhol a reconhecer a existência de torturas e dissolver a Audiência Nacional.

◆ 9-11-06

Vários cans aparecem envenenados na Protectora Municipal de Cambados depois de que em atentados anteriores outros fossem degolados e mutilados.

◆ 10-11-06

Universidade de Santiago de Compostela retira título de 'doutor honoris causa' ao ex-ditador Francisco Franco.

INTERNACIONAL



Oaxaca: história de um povo em luta

DUARTE FERRIN / 15 Assassinatos, 109 feridos, 93 detenções, 98 desaparecidos, torturas praticadas por polícias, retenções, proibição de atenção médica e outras violações foram cometidas no Estado de Oaxaca, no sul do México, durante os cinco meses de manifestações cidadãs contra o governo corrupto. A 22 de Maio acentuou-se um

conflito, que se vinha cozendo desde há tempo, com uma greve de uns 70 mil professores oaxaqueños em demanda de melhoras laborais, trabalho, e salários dignos.

A 14 de Junho a Polícia Ministerial irrompe no edifício da secção 22 do Sindicato Nacional de Trabalhadores do Ensino para esmagar a paus os

mestres em greve, provocando 4 mortos, 100 feridos, e a destruição da Rádio Plantom. Isto provocou uma reacção imediata em diferentes sectores da sociedade oaxaqueña, tendo aderido à luta dos mestres organizações sociais e políticas que assumiram reivindicações já não só do magistério mas da sociedade oaxaqueña em geral.

A 21 de Junho de 2006 instaura-se a Assembleia Popular dos Povos de Oaxaca (APPO), movimento formado por diversas organizações sociais que se converte numa revolução comunitária que exige a destituição dos governantes corruptos.

A participação dos meios de comunicação alternativos foi muito importante. A APPO tomou num primeiro momento os canais governamentais, e quando estes foram arrebatados e destruídos pelos paramilitares, tomou várias emissoras comerciais pelas que transmitiram os avanços da mobilização. A repressão conseguiu que perdessem esses espaços, ficando só com a Rádio Plantom, emissora do magistério oaxaqueño, e nas últimas datas com a Rádio Universidade que está a ser agredida permanentemente a nível tecnológico e violento.

A 30 de Setembro um contingente de mais de 500 integrantes da Coordenadora de Mulheres Oaxaqueñas Primeiro de Agosto saiu numa caravana rumo à Cidade do México, para instalar um plantom no Centro Histórico e exigirem ao governo federal e ao Senado a destituição de Ulises Ruiz.

A 27 de Outubro, polícias e paramilitares do PRI protagonizaram um assalto a tiros contra a comuna de Oaxaca que se salda com quatro mortos e dúzias de feridos e desaparecidos. Além disso houve 23 feridos de bala e de dúzias de professores e comu-

neiros desaparecidos. Vinte professores, muitos deles feridos de bala, foram presos no cárcere municipal de Santa María Coyotepec.

Horas depois, o presidente mexicano, Vicente Fox, ordenou o envio de tropas para "restaurar a calma".

Este ataque quadra com o fim do prazo outorgado pela APPO para que Ulises Ruiz renunciasse ao cargo.

A 28 de Outubro produz-se um vertiginoso deslocamento do cenário para o âmbito militar. A violência serve de escusa para justificar a presença da Polícia Federal Preventiva (PFP), corpo policial-militar criado para fins de segurança interna com um estatuto inconstitucional. A inteligência militar toma conta de Oaxaca, convertendo a luta política em assunto de segurança nacional, para o qual se desenham operativos de guerra.

A 29 de Outubro os elementos da PFP chegaram à cidade de Oaxaca. O primeiro objectivo foi desmantelar as posições no 'zócalo' (praça central) e em fechar os meios de comunicação alternativos, mas a tomada do 'zócalo' só deslocou espacialmente a resistência popular. Os assentos da APPO deslocaram-se, criando uma espécie de franja ao redor do 'zócalo' que dava a imagem de cercadores cercados, mas que na realidade se espalhou por toda a cidade.

A 2 de Novembro o objectivo do operativo militar foi o campus uni-

versitário, onde continuava a funcionar a Rádio Universidade como rádio APPO. Alvo apetitoso porque num mesmo golpe atacava-se a universidade pública e o seu regime de autonomia, encerrando um dos refúgios dos membros da APPO e destruindo Rádio APPO.

A PFP, com apoio da AFI (Agência Federal de Investigações) e a polícia local, atacou a Universidade numa longa e combativa jornada em que o povo conseguiu repelir o ataque que acabou com a retirada das forças de segurança. Borrifados sem descanso com gases lacrimogéneos e gases pimenta, ameaçados com tanques e balas perdidas, os e as oaxaqueñas dentro e fora da Universidade ofereceram uma resistência que nom fora prevista pelos estrategas do Estado Maior. Rádio APPO (Rádio Universidade) manteve permanentemente informado o mundo do avanço dos acontecimentos e permitiu orientar os combatentes do povo e articular o apoio nacional e internacional.

Vizinhas e vizinhos ofereceram vinagre para diminuir os efeitos dos gases, arrojavam gasolina ou excrementos aos blindados, proporcionavam lanternas ou alimentos, informavam dos movimentos da PFP e do resto do operativo, colocavam as barricadas... Foi o povo de Oaxaca, anónimo e humilde mas organizado, quem derrotou as forças repressivas de elite e defendeu a sua Universidade e a sua dignidade. Um povo armado com paus,

pedras e coquetéis-molotov, fijo recuar um exército armado com tanques, metralhadoras e todo o tipo de armas longas.

Do dia 10 ao dia 12 de Novembro realizou-se o Congresso Constitutivo da APPO com a palavra de ordem "Todo o poder para o povo!", e com a assistência de mais de um milhão de delegados de colónias, comunidades, sindicatos, barricadas, centros de trabalho e de estudo, 'ejidos', e organizações de base. Representantes das sete regiões do Estado debateram em torno dos três eixos de trabalho colectivo: análise do contexto internacional, nacional e estatal, a crise das instituições, e a Assembleia Popular dos Povos.

Elaborou-se uma declaração de princípios e foram elaborados os estatutos da APPO.

Destacou a presença de 250 indígenas chiapanecos pertencentes à Associação Civil "Las Abejas" (das comunidades em resistência de Acteal), que chegaram em caravana à cidade de Oaxaca para se solidarizarem com a causa do povo oaxaqueño, exigindo uma paz "justa e digna".

Discutiui-se a forma de eleição do Conselho Estatal dos Povos de Oaxaca, o qual será composto por 260 companheiros e companheiras que representam todas e cada uma das regiões e os diferentes sectores sociais com o compromisso de 'mandarem obedecendo'. Nesta nova representação nom há hierarquias: todos temem as

mesmas obrigações e direitos. Houve um acordo unânime para retomar a experiência ancestral dos povos indígenas, baseada em assembleias comunitárias.

O Congresso resolveu continuar a resistência através de um Plano de Acção a curto, médio e longo prazo, que contempla, entre outras formas de pressão, o levantamento de barricadas e a tomada de diferentes Paços do Concelho.

De modo complementar ao Congresso, centos de estudantes da Universidade Autónoma de Oaxaca realizaram o Segundo Encontro Nacional Juvenil. Moços de diferentes estados mexicanos debateram sobre a sua situação tanto nas instituições educativas como noutros âmbitos das suas vidas, gerando um documento e um plano de luta que levarão a cabo nas próximas semanas.

A 13 de Novembro produziu-se o início do Plano de Acção, com uma mobilização em massa que foi da Procuradoria de Justiça para a Praça de San Domingos, no centro histórico da cidade de Oaxaca, onde dúzias de simpatizantes da APPO mantêm desde há semanas um 'plantom' (acampamento). Entretanto, outros centos mantêm barricadas nas imediações de Cidade Universitária, a sul da cidade, para protegerem as instalações da Rádio Universidade.

Os elementos da Polícia Federal Preventiva até o momento só se mantêm no 'zócalo' da cidade e ruas dos arredores.

Namorado de Antón Losada

XAN CARLOS ÁNSIA

AS QUATRO IDEIAS POR SEMANA QUE LHE SERVEM A QUINTANA PARA SER ESTRELA MEDIÁTICA POR DIANTE DE TOURIÑO, A DISTRIBUIÇÃO PROPORCIONAL DE PUBLICIDADE INSTITUCIONAL E OS MINUTOS NOS MEIOS PÚBLICOS SEM REPARTO DE CONSIGNAS. TODO O FAI ANTONIO POR AMOR À PÁTRIA E SEMPRE TENDO PRESENTE O OBJECTIVO FINAL DE PODER REFORMAR O ESTATUTO DE AUTONOMIA

Gosto da sua versatilidade onomástica. Quando vim aquela correcção de erros, que oficialmente reparava o desliz de assinar como "Antón" quando devia pôr "Antonio", o meu coração começou a dar saltos de alegria. Por fim um tipo que dá a cara. Atrave-se a publicar no DOG que nom segue as directrizes de Paco Rodríguez. Dá-lhe igual essa perda de tempo que é galeguizar os nomes. O mesmo lhe dá "toninho" que "antoñito". Assim vos é o guru de Anxo Quintana.

Seduz-me a sua coerência política. Longe do mínimo interesse crematístico. O meu amado Antonio, pode dizer que nom é de esquerda nem tam sequer progressista, e no entanto ser um dos que mais sona para entrar na futura executiva do BNG. El, que trabalhou desinteressadamente para López Veiga, que fora conselheiro de Pesca com o PP, que colheu a baixo preço o assessoramento de Quintana quando era um rapaz de aldeia para fazer do alaricano um homem que já nom viaja em classe turista e arrasa eleitoralmente. Nunca pede nada, se o nomeárom alto cargo da Junta, foi porque as bases nacionalistas o pedírom. Antonio sempre dá. As quatro ideias por



semana que lhe servem a Quintana para ser estrela mediática por diante de Touriño, a distribuição proporcional de publicidade institucional e os minutos nos meios públicos sem repartimento de consignas nem aquela ostentosa propaganda e mal falar de Pérez Varela. Todo o fai Antonio por amor à Pátria e

sempre tendo presente o objectivo final de poder reformar o Estatuto de Autonomia. Do meu querido Antonio dim que pujo o Beiras numha lista negra. A ninguém pode importar isto. Nem tem a honra de ser o primeiro dessa lista, nem por desgraça vai ter o prazer de ser o derradeiro. Entre os preferidos do meu

Seduz-me a sua coerência política. Longe do mínimo interesse crematístico. O meu amado Antonio pode dizer que nom é de esquerda nem tam sequer progressista, e no entanto ser um dos que mais sona para entrar na futura executiva do BNG. El, que trabalhou desinteressadamente para López Veiga, que colheu a baixo preço o assessoramento de Quintana quando era um rapaz de aldeia para fazer do alaricano um homem que já nom viaja em classe turista e arrasa eleitoralmente

amado destacam os sindicalistas e também os jornalistas que nom lhe aguentam os impropérios e a perda de pautas de "urbanidade" com as quais ciclicamente nos agasalha aos seus admiradores. Quem nom gosta de um toque de bestialidade e perversom numha relação dum ser superior com o resto dos miseráveis mortais.

A crueldade dalgumhas pessoas para com o meu adorado Antonio, chega ao extremo de pôr-lhe alcunhas como Dom Corleone, Rasputin ou Mister Hyde. Nengum lhe fai justiça. Se houvesse que compará-lo com alguém, eu faria-o com Talleyrand-Périgord, antes da Revolução Francesa era um crego de províncias, depois chegou a bispo e pola sua polivalência, serviu primeiro de igual modo o Rei que os 'sans-culottes', e depois foi assessor tanto de Napoleom como de Luís XVIII e sempre sem custar-lhe um franco ao erário público. Esse é o meu Antonio.

Sendo sinceros, o meu Antonio por quem se interessa é por Anxo Quintana. Um amor correspondido e de mútuo afecto e admiração. Tal para qual. Oxalá a militância do BNG nom desfaga este casalzinho na vindoura assembleia nacional. A reforma do Estatuto ia-o sentir profundamente.

LOCAL SOCIAL
REVOLTA
Rua Real, 32
Apdo. 287 - 36200 VIGO

A Peneira
Xornal Galego de Información Xeral
A Peneira
Cabeceiras Comarcals } A Peneira A Peneira
do Condado/Paradanta da Lourinã

AURIENSE
café cultural
ourense
CAFEAURIENSE@TERRA.COM
PRAZA DO CORREXEDOR, 11
TLP. 988 222 536

LIVRARIA
SISARGAS
Rua Comarcal, 19
36002 A CORUÑA
TEL. 914 781.200002

o tua tenda
MAL DIZER
Rua Inés Castro
36002 A CORUÑA
(914) 781.200002

bar
Faluya
Orzán 75,
A Coruña

CENTRO SOCIAL
A tren!
Proteccionamos oñs teus intereses electorales!
castro@netmail.com
Travesa San José, 2 (914-40-0140)
15.002 CORUÑA
Colaboracións: 2001-0012-16-3040031285

R
revira
local social
Arcebispo Malvar 33 Ponte Vedra

ALTO minho
associaçom cultural
Rua Catedral, 15 - Apdo 289 Lugo
Corruña@altominho.org
www.altominho.org



A FUNDO

Campo, de empresário a imperador passando pelo Governo municipal

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE ORTIGUEIRA E EMPRESÁRIO UTILIZA O PODER EM BENEFÍCIO PRÓPRIO E DA FAMÍLIA

Umha noite de farra em Eivissa poderá vir a enfraquecer o significativo apoio eleitoral de Antonio Campo Fernández em Ortigueira, depois de ter sido gravada em vídeo, e divulgada pola Internet, a apariçom deste autarca polo bar de Pocholo, conhecido ocioso da noite eivissenca, exibindo notas de 500 euros e gabando-se do seu domínio económico e até sexual na vila ortegana. Para além do anedótico, Campo é a viva imagem do cacique

de um concelho rural galego: pertencente a umha família abastada vinda do Berzo, bem relacionada com políticos e empresários locais e nacionais, nunca entendeu possível separar a política do negócio. O imobiliário, com a devida ajuda da gestom municipal, é agora a maneira mais fácil de se tornar imperador: tanto ele como a família poderám lucrar muito graças à sua passagem polo Governo autárquico.

RAIMUNDO SERANTES / Se se reescrevesse o famoso refrâm de Suso Baamonde para a comarca do Ortegal, a cançom acabaria 'para camarons Carinho / para caciques Ortigueira'. A história começa com Pepe Franco, que deixou a Câmara ao também popular Varela, para ir para o Parlamento galego, de onde acabou por ser expulso por ocultar que para além de umha 'gestoria' em Ortigueira, em nome da mulher, tinha outra na qual se esquecera de encobrir o seu nome. Varela foi destituído por Campo anos mais tarde, assim, de repente 'ponho-me eu'. Ao falar com a vizinhança de Ortigueira, o primeiro que destacam dele é o seu estilo cacique. O seu êxito eleitoral, de facto, baseia-se na crença, nada infreqüente ainda hoje nas zonas rurais galegas, de que um homem com dinheiro é capaz de fazer mais polo progresso da localidade. A fortuna da família Campo que reside em Ortigueira assenta na exploraçom de lousa, mas Antonio Campo sonhou em fazer um empório empresarial na vila ortegana desde que começou a tomar conta de parte dos negócios da família. Nom obstante, apesar das aparências, a sua faceta empresarial nunca foi realmente sucedida, e na vila ortegana estivo anos a jogar ao 'monopólio': tentou comprar de todo, de imprensas e ginásios a bares e discotecas, mas nada chegou a frutificar, vendendo ou trespassando todo em pouco tempo. Afinal, o negócio em que Antonio Campo acabou por assentar os pés é o seu próprio cargo político, numha terra em que a Administração e os interesses privados de quem a chefia estám intimamente relacionados.

O Campo da Torre

Muitos desencantos com António Campo tenham mesmo transcendido os meros comentários na rua. Ninguém esquece o tiro que um vizinho deu à porta do Nuevo Club e do qual Campo teria conseguido escapar. Outra espingarda entrou em jogo num caso mais recente: a de Josefa Martínez Berdeal, mais



Visom do núcleo urbano de Ortigueira desde o alto do Campo da Torre. O clam familiar prevê construir na sua ladeira

conhecida como Pepita do Campo da Torre, devido a umha expropriaçom que ainda dará muito que falar. A espingarda engasgou-se no momento em que Pepita pretendia impedir que as árvores, entre as quais algum castanheiro centenário, fossem abatidas. Aconteceu a 1 de Fevereiro de 2005. Atrás da razom aduzida por Campo para a expropriaçom das propriedades de Pepita, a restauraçom de um moinho da propriedade dela, há umha longa história que nos situa de novos suculentos interesses de muitos autarcas galegos na turistificaçom da nossa costa. "Esse é o negócio que interessa hoje a Campo: o da lousa nom dá tanto como se pensa e nos outros fracassou". O certo é que a família Campo sempre sonhou em adquirir o Campo da Torre, o ponto mais alto da vila, que a domina e a visualiza inteira, e que também pode ser observado de qualquer lado de Ortigueira e até de muitos pontos da ria. Quando estiver nas maos da Câmara, que expropriou em favor da Fundação Federico

Antonio Campo tentou comprar de todo: de imprensas e ginásios a bares e discotecas, mas nada disto chegou a frutificar. Afinal, o negócio em que acabou por assentar os pés é o seu próprio cargo político, numha terra em que a Administração e os interesses privados de quem a chefia estám intimamente relacionados

Macinheira, o negócio será chorudo: acondicionarám-no e abrirám pistas, adquirindo à sua volta mais apartamentos para a família que há tempo que está a comprar e construir na ladeira do Campo da Torre.

Segundo Pepita "entrárom e arrasárom". A dela era a terceira das propriedades a expropriar (de aproximadamente 2.500 m2 cada umha) para completar o sonho de Campo: "antes de chegar ao poder, já contava com ter aqui um império. Umha parte [pola primeira propriedade] cedêrom-lha, e em troca empregárom na Fundação Federico Macinheira umha filha da proprietária: Enma Sandá Gómez." Nos dias de hoje, a família Macinheira, que nada quijjo saber da operaçom, conseguiu através dos tribunais retirar o nome do prestigioso historiador ortegano a Fundação, chamada agora Ortégalia. Mas a questom já se vinha tecendo desde há anos, quando o pai de Enma Sandá, empregado de Campo, 'o velho' [em referência ao pai], foi despedido de Pizarras Campo. Anos depois, os filhos voltárom a empregá-

lo, já em troca de umha das propriedades do Campo da Torre. Com Josefa nom foi tam rápido mas menos complicado e ela sente-se como "umha anciá enganada por um político; eu queria restaurar o moinho e já pedira umha subvençom, mas chegou ele com a léria de que o podia restaurar a Câmara municipal. Quando voltamos a falar já me dixo que eu lho cedera e que ou lho dava ou me expropriava".

A Fundação já nom é Macinheira

As fundaçoms, que na teoria canalizam fundos privados para fins públicos temem em Ortigueira a funçom inversa. No caso da Fundação Federico Macinheira, é também o órgão usado para 'branquear' a operaçom do Campo da Torre. O presidente é o próprio Antonio Campo, que também é deputado provincial na Deputaçom, e a operaçom fecha um círculo de manias de grandeza que caracterizam o louseiro e que já exibiu com enorme grafismo polos bares de Eivissa. Campo considera-se um grande gestor e a Fundação Federico Macinheira seria umha das suas manobras perfeitas se nom estivesse próxima do fraude de lei. Nom há outro qualificativo legal para o facto de usar esta fundaçom para expropriar uns terrenos que favorecerám o negócio especulador da família, e ainda por cima pondo de directora a filha de Sandá, que nada sabe de história ou arqueologia (é licenciada em farmácia), proprietária de um dos terrenos necessários para consumir a operaçom. Que o irmao José Campo, proprietário das promotoras imobiliárias Elmor e Os Celtas, está a adquirir os terrenos próximos do Campo da Torre é já conhecido por toda a vizinhança. Mas nem esta nem outras operaçoms gostárom à descendência do conhecido arqueólogo ortegano, que conseguiu via judicial retirar o nome à fundaçom, passando a chamar-se Ortégalia. O outro litígio que a influente família Macinheira mantém com Antonio Campo tem



Pedreira explorada por umha das sociedades dirigidas polo Presidente da Cámara de Ortigueira



Antonio Campo é o modelo de empresário metido a político para buscar novas vias de negócio. Para além do municipal, é deputado provincial na Corunha

a ver com a recuperação ambiental da envolvente da praia de Morouços, projecto de passeio redigido pola Cámara Municipal e financiado por Meio Ambiente (Costas). Sabe-se que o irmão José também anda a comprar terrenos por ali e talvez isso explique a pressa que tivo Antonio Campo por mandar um certificado conforme todos os terrenos foram cedidos. Nom fora assim, e a família Macinheira nom pensava ceder, apresentando umha querela por prevaricação e falsidade documental. Campo justificou-se argumentando que a obra era importante de mais para estar paralisada por um proprietário, mas poderia ser inabilitado.

Polígono industrial, entulho e ENCE

A família Campo tem umha longa história de delitos ambientais. O especialista é Epifanio, o irmão mais velho, mas contra Campo já foram cursadas nos anos 80 diligências penais por armazenar entulho da fábrica de lousa em plena ria de Ortigueira, ao lado das suas instalações. O assunto nom avançou judicialmente por defeitos de forma na tramitação, mas depois, mediante um expediente administrativo, requereu-se à empresa a retirada da

entulhada visível de muitos pontos deste paraíso natural pertencente à Rede Natura, ainda que sem sanção alguma. Porém, Campo só retiraria a lousa entulhada ao ganhar as eleições, quando decide projectar um polígono industrial em Cuinha que curiosamente torna necessária toda a impressionante quantidade de escombros acumulada na ria. A julgar pola inutilidade dos terrenos já preparados para

A família tem umha longa história de delitos ambientais. O especialista é Epifanio, mas contra Campo já foram cursadas nos anos 80 diligências penais por armazenar entulho da fábrica de lousa em plena ria de Ortigueira

receber as famosas '50 empresas' que Campo dizia que estavam à espera da finalização do projecto para se instalarem, parece um novo caso de aproveitamento do poder municipal (construom de um polígono) em favor dos seus interesses particulares (desfazer-se do entulho que exigiam as instituições meio-ambientais, mesmo cobrando). Mas nisto aparece ENCE, através de Norfor, necessitada de um apoio

As armas de Campo

Ainda com todo o dito, o principal motivo de desencanto com Antonio Campo na vila som, como costuma acontecer, os impostos, nomeadamente o da água e do lixo. "De 1.000 pesetas que pagávamos na época de Varela [anterior presidente; também popular] a 3.000 que começamos a pagar com a chegada de Campo, passou-se aos 29 € da actualidade", di-nos um vizinho. Para Manuel Feás, vereador do Bloco Nacionalista Galego, "a subida generalizada de impostos e a criação de novas taxas é injustificada". Para a vizinhança,

Campo arrecada impostos para fazer que governa, empregando amigos onde nom fám falta ou estragando o cantom municipal com obras inservíveis. Muitas destas obras vam na direcção de elitização de umha parte da vila, como o porto desportivo que Campo construiu, basicamente, para alojar o seu iate. "A gente sabe isto e mais, mas Campo tem todo o mundo calado", di-nos umha hoteleira, que nos explica a longa reacção repressiva contra um vizinho que se atreveu a denunciar publicamente o que já tinha denunciado a oposição em



Muro da vivenda de José Maria Campo que incumpe a ordenaçom municipal. Foi definido polo arquitecto municipal como 'tradicional' para nom ter que derrubá-lo

político que perdia em Ponte Vedra, que decide investir num centro logístico para armazenar, classificar e processar a madeira do Ortegal, a maior comarca eucalipteira da Galiza. José Luís Méndez, Fraga, Xosé Manuel Barreiro e o próprio Campos encenárom em Ortigueira umha vitória política em que Campos ganhava sobretudo votos, administrando eleitoralmente os supostos 140 empregos (entre directos e indirectos) que dariam as novas instalações. No dia 3 do presente mês conhecia-se que ENCE nom tem nem a mais mínima intenção de continuar com o projecto, deixando a principal aposta pessoal e política de Antonio Campo mais tocada que nunca. O polígono fica com três empresas de escassíssima actividade e umhas instalações para as quais Norfor está a usar nom só parcelas de uso industrial senom também vias públicas às quais nom se permite o acesso. Para a oposição ortegana isto é o mais grave: "As vias públicas fõrom ocupadas apesar de contarem com um relatório desfavorável da Junta actual; para ser possível modificou o planeamento sem passar por comissom." Política e negócio de maos dadas, como sempre, mas desta vez a sociedade nom correu bem, e cumpre perguntar-se como serám devolvidas à instituição municipal as

ruas e passeios ocupados pola empresa que tem declarada a guerra ao meio ambiente na Galiza e que, no caso de Ortigueira, nem sequer dará trabalho.

Empresários, políticos e amigos

António Campo nom tem, quanto às relações políticas, demasiados escrúpulos. "Há que estar com quem manda", ponhem algumas pessoas na sua boca. Na provincia da Corunha é, entre os presidentes das câmaras municipais populares, o principal adalide de José Cuinha, todo um exemplo que desmente o pretenso galeguismo da família política dos da 'boina'. Quando foi defenestrado, o político e empresário de Lalim apareceu publicamente em Ortigueira pola primeira vez. Mas esta fidelidade nom lhe impede ter boa relação com Romay Beccaría, que também apareceria frequentemente na vila e de quem se conta que o catapultou ao governo do município por cima de Varela. Isso sim, Varela abandonou a câmara com todas as honras e recebeu de Romay a medalha Afonso X' o Sábio' e até foi nomeado filho predilecto de Santa Marta de Ortigueira. Noutros partidos goza de muito boa relação com Paco Vázquez, com quem a família compartilha algum negócio, e até com Quintana, que mesmo se diz que estivo na sua casa numha recente visita a Ortigueira do vice-presidente. António Campo é, sobretudo, "amigo dos que mandam", afirma Manuel Feás, dirigente local do BNG. Talvez seja essa a razão pola qual assinou o famoso convénio das quadrilhas de incêndios, afastando-se da linha oficial do partido. Depois da visita de Quintana à vila ortegana a conexom deu para muito mais que trocas de elogios: Campos assegura que o vice-presidente lhe prometeu 600.000 euros para financiar o asilo, mas o dinheiro nom dava chegado e Campo lamentava-se tempo depois da escassa palavra do vice-presidente. Afinal, será o consórcio quintanista a gerir esta instituição, depois de o presidente da Câmara ter ameaçado com encerrá-lo se a Junta nom se encarregava dele imediatamente.



Valado das instalaçoes de ENCE que interrompe umha via pública num polígono em que apenas há 3 empresas mais

Os irmaos do 'político' participam na engrenagem empresarial

Epifanio, 'O rei do chapapote'

A família Campo é umha velha conhecida dos defensores do ambiente. Quer seja pola participação directa em delitos ambientais quer por ter lucrado, e muito, através de empresas privadas de aspecto 'proteccionista', de catástrofes ambientais padecidas polo nosso país. A filosofia desta família é similar à da 'reciclagem': 'Todo se aproveita', mas isso sim, em favor dos interesses particulares. O mais audaz e velho dos irmaos Campo, Epifanio, é sem dúvida o paradigma deste tipo de intervenção, até o ponto de ser conhecido como 'o rei do chapapote'. Tendo recebido umha imensa fortuna do tio Epifanio Campo Núñez, o sobrinho Epifanio Campo Fernández assumiu em 1975 a direcção do Grupo Campo, promotor de um impressionante complexo relacionado com os sectores da cerâmica, do minério, da construção e dos serviços, cujas principais sedes se encontram em Vila Longa (Sam Genjo), Lendo (Laracha) e Albixoi (Messia). Mas para além disso, Epifanio é proprietário de Protecção Medioambiental (PMA) e um dos principais sócios de Sogarisa, a famosa central de reciclagem das Somoças aonde foi parar todo o 'chapapote' a partir do terceiro mês da catástrofe. Mas nem sequer o 'piche' dos primeiros meses fugiu do controlo deste empresário, já que as primeiras 18.000 toneladas foram parar aos seus terrenos no polígono de Laracha. Campo cobrou, segundo publicava a Interviu em Maio de 2003, 30 euros por cada tonelada acumulada, 391.333 de Tragsa pola fabricação de tijolo para o recheio de estradas e ainda o salário dos seus operários em fins-de-semana e dias feriados. Epifanio apresenta este negócio como um contributo desinteressado, e di ter armazenado o chapapote "por ajudar a Galiza", mas chama a atençom que já fosse sancionado em

A filosofia familiar é similar à da reciclagem: 'todo se aproveita' em favor dos interesses particulares. O mais audaz e velho dos irmaos Campo, Epifanio, é sem dúvida o paradigma deste tipo de intervenção

três ocasiões por delitos ambientais graves, "que ficárom em multas simbólicas" segundo declarava o deputado Miguel Cortizo à Interviu em 2003. Ainda por cima, o PP conseguiu paralisar com os seus votos umha denúncia e umha investigação contra Epifanio realizadas em Laracha, por despejos que mesmo chegárom a poluir os poços usados pola vizinhança. E é que o mais velho dos Campo é esperto como umha raposa quando se trata de usar a política em prol dos seus interesses: tem contactos em todos os partidos, de Fraga a Paco Vázquez, de Beiras a González Laxe e de Touriño a Cuiña ou Mariano Rajoy.

José Maria, o irmaozinho que se torna grande

José María Campo, que também reside em Ortigueira, sabe qual é o negócio do futuro, o imobiliário, possuindo duas promotoras: Elmor e Os Celtas. José María também sabe o importante que é ser irmao de um político para ter êxito, e seja para atacar ou para se defender, aí está o autarca para dar umha mao. Um caso curioso é o do muro da sua moradia de Cuinha. A casa parece

um bunker, protegida por um muro de betom que nalgum trecho chega a medir 2'40 m de altura, desrespeitando qualquer normativa vigente. O Bloco pergunta entom num plenário municipal sobre tal atrocidade, mas reconhece que nom esperava que a resposta dada polo próprio arquitecto municipal fosse tal como "se revestido de pedra, o muro pode considerar-se tradicional". Sempre se dixo que era bom ter 'amigos na política', mas se som irmaos entom é óptimo. O muro, claro, continua sem a pedra, isso sim, pintado de verde. "Na Câmara som todos assim", di-nos Manuel Feás: "Campo pujo na Secretaria umha auxiliar com estudos de EPL, antiga administrativa na canteira que tenhem em Lombao. Referendava com os seus informes jurídicos todas as decisons da Presidência da Câmara, era como umha vereadora mais." José María Campo é o especulador da família e ali onde há umha obra pública de embelezamento, ele está já a comprar ao lado, na zona revalorizada: é o caso do Campo da Torre e de Morouços. José María Campo Fernández sabe, aliás, relacionar-se com quem corresponde em ámbitos políticos que excedem os locais: desde 2003 compartilha a administração da Promotora Eólica de Galicia S.L. com Luis Castro Valdivia, cunhado do anterior director geral de Indústria, Ramón Ordás Badía. Segundo informaçoes publicadas por La Opinión de A Coruña, a 16 de Junho de 2005, isto é, três dias antes das eleicoes autonómicas, foi aprovado a esta empresa um projecto de construçom do parque eólico Monte Rande, no concelho de Ortigueira. Entre as pessoas beneficiadas polas concessons dadas pola Junta nos últimos dias do Governo Fraga, mesmo depois de terem perdido as eleicoes, encontram-se a família do ex-presidente da Câmara Municipal da Corunha, Paco Vázquez, o presidente da Confederaçom de

EM DADOS...

As empresas dos Campo Fernández

ANTONIO CAMPO FERNÁNDEZ

Presidente	CUBIERTAS Y CONSTRUCCIONES CAMPO SA
Presidente	CAMPO LOMBAO SL
Presidente	PIZARRAS CAMPO SL
Presidente	EXPLOTAGROP SA (Badajoz)
Administrador único	TALLERES VICENTE MENDIOLA SL
Administrador	ANTONIO CAMPO SA
Administrador	PIEDRA NATURAL DE MURAS SL
Administrador	PIZARRAS ORTIGUEIRA SL
Administrador	XESTIÓ URBANÍSTICA DE A CORUÑA SA
Administrador	SO.GA.R.I.S.A.

EPIFANIO CAMPO FERNÁNDEZ

Presidente	SIDERURGICA ANON SA
Administrador único	PROTECCION MEDIO AMBIENTAL, SL
Administrador único	EPIFANIO CAMPO SL
Administrador único	SERVICIOS CERAMICOS SL
Administrador único	BODEGAS PETRON SL
Administrador único	PROMOCIONES CERAMICAS S.L.
Administrador único	NUOVA CERAMICA CAMPO SL
Administrador único	CERAMICA CAMPO SAEZ S.L.
Administrador único	PRETENSADOS CAMPO SL
Administrador único	PUNTE LENDO SL
Administrador único	INVERPUENTE SL
Administrador único	A OSTREIRA SL
Administrador único	CAMPO BRICK SL
Administrador único	RODONITA SL
Administrador único	PROMOCIONES BARIZO SL
Administrador	AMATISTA GESTION DE PATRIMONIO Y SUELO SL
Administrador	BERGAMOTA SL
Administrador	CIANITA SL
Administrador	LENDOWIND SL
Administrador	CE 2 SL
Administrador	PROMOCIONES INMOBILIARIAS TOJAMAR SL
Administrador	MACOVIT SOCIEDAD DE INVERSIONES SL
Administrador	SO.GA.R.I.S.A.
Administrador	CAMPO LOMBAO SL
Administrador	BANCO GALLEGO SA
Administrador	REFRACTARIOS ESPECIALES SA
Administrador	RUSSULA SA
Sócio	PROTECCION MEDIO AMBIENTAL, SL
Sócio	MATERIALES CERAMICOS SA
Sócio	PRETENSADOS CAMPO SL
Apoderado	PRETENSADOS CAMPO VILLALONGA SL
Apoderado	OTERMIG SL
Apoderado	REFRACTARIOS CAMPO SL
Apoderado	ESTADULLO S.L.

JOSÉ MARIA CAMPO FERNÁNDEZ

Vice-presidente	CAMPO LOMBAO SL
Vice-presidente	PIZARRAS CAMPO SL
Vice-presidente	CUBIERTAS Y CONSTRUCCIONES CAMPO SA
Administrador único	MINERAS SANTALLA SA
Administrador único	CAMPORSA SL
Administrador único	IMPRENTA ORTEGAL SL
Administrador	PROMOTORA EOLICA DE GALICIA SL
Administrador	OS CELTAS PROMOCION DE VIVIENDAS SL
Administrador	CAMPO SLATE SL
Administrador	ELMOR SL
Administrador	GALARIPOS SL
Administrador	PIEDRA NATURAL DE MURAS SL
Administrador	ANTONIO CAMPO SA
Administrador	HIDROELECTRICA DEL BALEO SL
Administrador	PIZARRAS ORTIGUEIRA SL
Sócio	IMPRENTA ORTEGAL SL

Empresários da Galiza, Antonio Fontenla e o armador ribeirense Antonio Vidal Pego, perseguido pola Interpol por diversos delitos fiscais e ambientais. Mas tampouco o próprio Antonio Campo fica atrás nestes negócios: o presidente da Câmara é presidente ou administrador de até dez empresas entre as quais figuram Cubiertas y Construcciones Campo S.A., dedicada à promoçom, construçom, edificaçom e comercializaçom de todo o tipo de obras, inclusive a promoçom de habitaçoes de proteçom oficial, de Talleres Vicente

Mendiola S.L., que comercializa todo o tipo de maquinaria industrial, especialmente obra pública, Pizarras Campo S.L. e Campo Lombao S.L.. Também a vice-presidenta, Ana Belén Franco Martínez, está num bom posto para tornar mais sucedidos os seus negócios, participando da empresa Urbanización Santa Rita S.L., dedicada à promoçom e venda de todo o tipo de edificaçoes e lotes edificáveis, e de Caolines Cerámicos S.L., dedicada ao transporte de mercadorias e realizaçom de todo o tipo de obras de construçom.

ANÁLISE

Campanha mediática e institucional contra visões alternativas da territorialidade nacional

A CHUVA DE DENÚNCIAS CONTRA O MAPA EDITADO POR NÓS-UP EVITA DEBATER A QUESTOM DE FUNDO

Mais umha vez, teve que ser a imprensa maioritária a que tirasse à luz umha iniciativa do independentismo e a colocasse no centro de todas as acusações. Ainda que a formação política NÓS-UP leve mais de três anos com umha campanha de difusom do mapa da Galiza

completa, na que se incluírom palestras e completos dossiers de investigação sobre os limites orientais do País, é a voz de mando dos meios em espanhol a que marca a agenda do debate. As forças espanholas denunciam, a Junta promete intervir e o BNG assente em silêncio.

A. SANTOS / Um mapa 'expansionista' anda a espalhar-se perigosamente polos centros de ensino do País. Polo menos é isso o que nos transmite o jornal 'Galicia Hoxe' ao se fazer eco de umha notícia da imprensa samorana, alarmada porque existam forças que reivindicuem a galeguidade da Seabra. Na verdade, o mapa que a organização independentista NÓS-UP defende leva a espalhar-se desde o verão de 2003 por todo o país, e qualquer observador atento pudo vê-lo em mesas de material em convocatórias políticas ou festas, centros sociais ou propaganda diversa. Organizações juvenis e culturais tomárom o seu perfil como próprio e o mesmo NOVAS DA GALIZA lançou umha das mais fortes campanhas de promoção com idêntico motivo.

O que noutras latitudes é simplesmente parte da paisagem sem maior carga política -a televisom pública catalá sempre utilizou o mapa de todos os Países Cataláns nos seus partes meteorológicos-, na Galiza conduz a campanhas mediáticas e denúncias unánimes



Superando indefinições e lacunas

A pesar de a questom territorial ser um dos aspectos fulcrais da teorização do nacionalismo galego desde as suas origens, a indefinição segue a ser a nota dominante. Como motivo recorrente, adoita citar-se o conhecido trecho do Estatuto de 1932 que aludia à possível integração na autonomia de aqueles concelhos vinculados histórica, linguística e culturalmente à nação galega. Em datas mais recentes, umha fluída relação entre o associativismo cultural das terras estremeiras punha de relevo umha difusa identificação com a galeguidade, bem que sem derivação política de nenhuma classe. Foi porventura a associação berciana 'Fala Ceive' a que ocupou com mais insistência os cabeçalhos da imprensa galega e leonesa nos últimos anos, com umha presença reivindicativa muito sostida no terreno idiomático.

Ora, o extendido sentimento galeguista de parte das populações de Návía-Eu, Íbias, Berzo e as Portelas nom se tem transmitido em nenhuma vocação política forte. Alcaldes

como o de Lubiám ou Veiga de Valcarce, sem adscrição nacionalista algunha, têm-se significado em tempos recentes por pedir a integração dos seus concelhos na Galiza com muita maior ênfase que a maior parte das forças galegas. De facto, é sabido que os militantes do BNG de algunhas destas bisbarras participavam da actividade da frente nacionalista como membros da 'comarca da emigração', mantendo mais relação com os filiados de Madrid que com os de Ourense ou Lugo.

Em tempos mais recentes, o Fórum Carvalho Calero, formado por pessoas de sensibilidade reintegracionista e membros também do BNG, lançou-se pela vez primeira a um trabalho de definição estrito da territorialidade do País, cujo perfil estes dias se populariza. O centro social Alto Minho tirara à rua um primeiro mapa físico da Galiza naquela altura, com um sucesso notável na difusom.

Propostas independentistas

Essas foram as bases para que a organização independentista NÓS-UP

O mapa publicado por NÓS-UP implicou umha plasmação prática de umha reivindicação sempre formulada, mas nunca detalhada, pelas forças independentistas

acometera um estudo multidisciplinar destinado a esclarecer de umha vez para sempre o quadro territorial do projecto nacional galego. Geógrafos, historiadores, activistas, montanheiros, destinaram meses de trabalho a desenhar o mapa que agora é alvo da polémica. Umha plasmação prática de umha reivindicação sempre formulada, mas nunca detalhada, pelas forças independentistas galegas. Por enquanto, o perfil da Galiza completa socializa-se em ruas, centros de ensino e de trabalho, por iniciativa exclusiva dos

partidários da soberania explícita. A recente campanha mediática parece demonstrar que ainda estamos longe de que amplos sectores vinculados ao galeguismo -nos meios de comunicação, por exemplo- ponham em causa o quadro territorial que impugérom Javier de Burgos e a autonomia pós-franquista. O que em outras latitudes é simplesmente parte da paisagem sem maior carga política -a televisom pública catalá sempre utilizou o mapa de todos os Países Cataláns nos seus partes meteorológicos-, na Galiza conduz para campanhas mediáticas e unánimes denúncias.

As razons da anormalidade

Porquê acontece isto? As décadas que levamos na Galiza sem umha cultura democrática real, com ausência de polémicas duras e diversidade de vozes, contribui para que umha maioria da população observe com naturalidade declarações como as da concelharia de educaçom. Quando o departamento de Sánchez Piñón manifes-

tou à imprensa a sua disposição 'a retirar o mapa dos centros educativos onde estiver situado', muito pouca gente levou as maos à cabeça, como se essa vocação de censura fosse o abc da conduta democrática. A negativa desta concelharia a responder as perguntas deste jornal enquadra-se em tendências semelhantes. A acusação formulada a Pérez Touriño polo PP asturiano, pretendendo relacioná-lo esperpenticamente com a subvençom do mapa, tampouco nom mereçom resposta contundente das autoridades galegas.

O nacionalismo institucional, por seu turno, suscreveu com o silêncio a ausência de discussom real sobre os limites da Galiza. Para a responsável de imprensa do BNG, 'o tema nom interessa o mais mínimo, pois nom está na agenda política galega'. Ante a insistência de NOVAS DA GALIZA, a portavoz da frente manifestou que 'nunca saírom propostas semelhantes do próprio BNG'.

Debates para o futuro?

Umha possível derivação positiva da campanha samorana e asturiana contra o mapa seria abrir um debate a fundo na Galiza. Umha discussom sobre a territorialidade que atingisse vizinhança das zonas disputadas, concelheiros, geógrafos, antropólogos e representantes do tecido associativo. Por desgraça, nada disso parece alviscar-se no horizonte, com a imprensa maioritária preocupada com as denúncias do 'mapa anexionista'. Para Bruno Lopes, de NÓS-UP, 'o que nom agrada aos que manda ou aos meios oficiais, passa a ser imediatamente "ilegal" e "perseguível", o que patenteia a 'inexistente regeneraçom democrática que PSOE e BNG prometeram'. As atitudes de todos os actores ficam claras, agora a Galiza deveria de pronunciar-se na rua livre de qualquer prejuízo.





ENTREVISTAS

Nacionalismo poliédrico à procura da sua melhor cara

O BNG, COM VÁRIAS CORRENTES CRÍTICAS, DEVERÁ DEFINIR-SE NA SUA ASSEMBLEIA NACIONAL MAIS IMPORTANTE

"Ao BNG nom lhe senta bem o poder", poderia sentenciar um observador imparcial que assista ao espectáculo contínuo de propostas e alianças vividos nas últimas semanas em relação à Assembleia Nacional dos dias 2 e 3 de Dezembro. Neste preciso momento, alcançado o máximo órgão de poder institucional do País, o Bloco

apresenta-se a umha Assembleia Nacional mais dividido do que nunca. Mas o mundo deste nacionalismo "poliédrico" é muito mais complexo do que umha sentença para um tendencioso titular de qualquer meio de comunicação espanhol na Galiza.

ALONSO VIDAL / Filiados e simpatizantes assistem entre surpreendidos e expectantes aos contínuos movimentos internos na formação frentista: listas, pactos, acordos e desacordos, correntes unidas um dia e separadas no seguinte e perguntam-se até que ponto estes posicionamentos som produto do necessário debate interno sobre o modelo a seguir ou simples pugnas polo controlo nos órgãos de decisão da frente.

Para os defensores da actual direcção nacionalista (sector 'quintanista', UPG, PNG, a grande parte dos 'nom adscritos') trata-se de seguir aprofundando na abertura à sociedade e no aproveitamento das acções de governo para caminhar na consciência nacional e na melhora social. A oposição (Alternativa, Encontro Irmandinho e Movimento pola Base) com matizes diversos e enriquecedores, crítica basicamente a deriva "autonomista" do BNG cara a posições mais condescendentes com o estado espanhol, a intenção de pactuar um Estatuto que feche o debate sobre a autodeterminação, a utilização do poder para minar a democracia interna e o controlo dos filiados, a repetição de algumas formas de conduta miméticas com o governo anterior do PP e a "lentitude" nas reformas necessárias que o governo galego deveria adoptar desde as suas áreas de responsabilidade.

Muitas caras e demasiadas arestas no poliedro dum colectivo que afronta talvez a sua última Assembleia Nacional, propriamente dita, como a cita mais importante da sua história.

Do NOVAS DA GALIZA quigemos contribuir imparcialmente para o esclarecimento do debate é a melhor forma que dando a palavra aos protagonistas.

Roberto Mera

Ex-líder dos Nom Adscritos
"Nem antes estava em contra nem agora estou a favor de ninguém"

Apresentam-se várias listas alternativas. Haverá um grande confronto?

A discrepância pode ser positiva, se bem dirigida e analisada. Nós mesmos temos exercido publicamente discrepância na anterior assembleia através dumha candidatura alternativa. Mas é evidente que foi noutros termos e com outro discurso.

Daquela queríamos que partindo do que era positivo, construtivamente reforçássemos o BNG abrindo-o à sociedade e democratizando a sua estrutura.

Acusa-se à direcção do BNG de "deriva autonomista"...

Acho que nom é certo, porque as políticas seguidas polo BNG desde a função de governo vam directamente reforçar a questom identitária, clarificando o papel das relações do Estado desde umha perspectiva de bilateralidade. Mas nom só nisso: a política energética, a dívida histórica, e muitos outros mais manifestam claramente que se trata de um governo nacionalista. É certo que há mudanças que precisam mais tempo mas é claramente nacionalista.

O controvertido sistema de eleição por delegados nom vai contra o lema que defendestes na anterior assembleia "Mais BNG e menos partes"?

Surpreende-me que que se diga que isto supóm umha involução democrática e muito mais que esta acusação provenha de sectores que nom se assustam ante a freqüente utilização deste método noutros âmbitos. O sindicalismo nacionalista usa o sistema de delegados, nom apenas a nível nacional, mas incluso comarcal. Os que se questionam este método porque nom se questionam as decisões que se tomam no Conselho Nacional que nom som assembleárias? Porque nom umha assembleia permanente em vez dum conselho nacional? A vantagem deste método é que as decisões que se adoptem seriam mais representativas. É mais democrática umha assembleia nacional à qual assistem 1500 militantes que se representam a si mesmos ou umha outra por delegados com 1000 que fossem escolhidos polos militantes? A fórmula que se escolheu aproxima-se muito ao sistema assembleário a escolher um delegado por cada 7 militantes.

Di-se que é para manter o controlo e evitar as surpresas como a dos Nom Adscritos na anterior assembleia...

É certo que resultados inesperados seriam menos frequentes, mas o êxito dumha assembleia nom radica na surpresa. Nós mesmos na anterior poderíamos obter uns resultados similares com a eleição por delegados se trasladássemos



Quintana conseguiu o apoio da UPG, o PNG, Inzar e parte dos 'nom adscritos'

comarcamente as nossas propostas. Na verdade a eleição por delegados ordena melhor o debate. Para além de que contribui para evitar que grupos de pressom ou lobbys com grande capacidade de mobilização podam "tomar" a Assembleia nesse dia segundo os seus interesses.

O que foi dos 'nom adscritos'?

O nosso nom era um grupo organizado. Era umha ideia, um projecto de BNG, que na prática se expressava de várias formas. Nom havia opiniões fixadas de antemão, nem disciplina de voto. Sempre decidimos actuar livremente segundo a nossa opiniom. Tratava-se de um discurso construtivo. Hoje em dia a maioria dos representantes no CN fai umha valoração positiva e reconhece o valor do projecto actual do BNG, outros compartilham as críticas do sector Encontro Irmandinho ou da Alternativa.

Mas tu recibes duras críticas por este apoio agora às teses oficiais...

Estamos mais do que acostumados a este tipo de discurso maniqueu de bons e maus. Nom caio na provocação. Nem antes estava em contra nem agora estou a favor de ninguém. Estou para o BNG, e surpreendente que estas críticas venham de pessoas que vem com naturalidade que Beiras por exemplo estivesse na direcção com pactos, ou que os do seu próprio partido pactuassem para obter postos. A

nossa postura era coerente, nom ia contra ninguém, e seguimos defendendo o mesmo.

Puderom pensar os vossos votantes que iádes contra a UPG?

Se as pessoas nos apoiaram para ir contra a UPG, nós nom temos a culpa. Nunca quigemos enganar ninguém. Se pensárom isto é lógico que estejam molestos, mas nós sempre díxemos claramente quais eram os objectivos. Nunca enganamos ninguém.

Tabém queredes afianzar a liderança. Que se entende por isso?

Agora há um novo referente pessoal que é necessário potenciar e consolidar em termos eleitorais. Devemos conseguir que seja o mais conhecido possível e o melhor valorado politicamente. Nesse sentido vai-se por bom caminho, com boas valorações sociais e sem gerar grandes rejeitamentos. E isto tem a ver também com fazer entendível o discurso. As formas de comunicar som muito melhores. O BNG de hoje é diferente do de há três anos. Vai-se na boa direcção.

Roberto Vilameá

Secretário de Organização da UPG
"Os projectos soberanistas sustentam-se em avanços materiais logrados no dia-a-dia"

Declinou responder a algumas das perguntas formuladas por "serem de carácter

organizativo interno e carecer de utilidade para o público leitor em geral"

Que modelo vai defender a UPG para o BNG na próxima assembleia?

A Unión do Povo Galego assume plenamente as Teses que se submetem a consideração da militância do BNG na XII Assembleia Nacional. Queremos um modelo que defenda a estabilidade ideológico-política do BNG, reafirmando o modelo organizativo frontista, assembleário e o seu carácter nacionalista e antiimperialista.

Com a possível recolha do termo "naçom" no novo estatuto, ficaria fechado o tema da autodeterminação da Galiza?

O BNG, e a UPG também, defendemos a consideração de Galiza como naçom como umha questom fulcral. Para além dumha realidade empírica, essa consideração, real, implica necessariamente umha outra série de reconhecimentos e direitos: no plano lingüístico (com o dever de conhecimento do galego), competencial (asunçom plena de todas as competências), de soberania fiscal e com a dotação de instrumentos para corresponsabilizarmos como povo e de blindagem fronte a possíveis intentos por parte do Estado de interferir na gestom das competências das que nos dotemos. Em todo caso, o BNG -como vem recolhido nas Teses que a UPG avala- entende o processo para dotarmo-nos dum novo estatuto como um chanzo mais no processo de autodeterminação (dinámico e progressivo), que non o agota, mais que é necessário dar. Os projectos soberanistas sustentam-se em avanços materiais logrados no dia a dia, sometendo-os a informação, debate e verificação com o povo, e nom em jaculatorias de uso propagandístico para exclusivo consumo interno.

É positivo para o BNG que se substitua o assemblearismo pola representação por delegados?

Só se trataria do acto final. O processo de organização interna do BNG segue sustentando-se no dia a dia no Assemblearismo, tanto a nível local como comarcal. Este modelo, mesmo para o debate das Teses no futuro, nom varia nem um milímetro. A frente patriótica precisa seguir estimulando a participação da sua militância em todas as estruturas e

sectores. O importante é que isso aconteça de jeito contínuo -no árduo trabalho local- e nom só dous días cada três anos para um encontro nacional.

Está em causa o modelo do BNG como frente de partidos? Que valoram fazedes de que no CIN se poda reír a quota asignada a partidos?

O frentismo é um modelo organizativo que se revela sumamente útil para unir o nacionalismo na Galiza. Garante que todas as posicións ideolóxicas -colectivas ou nom- tenham cabida no BNG, sempre. Isto nom distorsiona a vontade da militancia expressada através dos seus representantes para o Consello Nacional.

Charo Fernández Vélho

Cabeça de lista da Alternativa pola Base
"Aspiramos a mudar o rumo do BNG, queremos redireccioná-lo convenientemente"

Que pretende a o vosso colectivo?

O objectivo fundamental é re-conduzir a organización co ánimo de reforzá-la. Politicamente a Alternativa define-se como umha corrente nacionalista e de esquerda. O nosso projecto refere-se fundamentalmente ao aspecto organizativo. É o funcionamento da organización o que mais nos preocupa, por ser o ponto de partida sobre o que gira todo o restante trabalho político em que nos empenhamos a militancia de base.

O que criticades a actual dirección?

Ter levado a cabo umha práctica política em que os organismos concretos nom foram consultados convenientemente, nom foram tidos em conta à hora de traçar as linhas de trabalho internas ou que tenham reflexo no governo do qual participamos.

Que sectores ou colectivos apoia a candidatura? Porque nom foi possível umha candidatura conjunta com o Encontro Irmandinho?

A nossa candidatura está formada por mulheres e homes que coincidimos numha visom crítica do BNG e que temos a nossa maior experiência nas bases, no trabalho nas organizações que emergem da sociedade. Aliás tem integrado a nossa candidatura as pessoas que tenham padecido a incompreensão da organização e se virom relegadas dela por nom ter-se valorado convenientemente o seu trabalho. A relação com o EI é boa, todos somos companheiros e partilhamos o mesmo projecto de construçom nacional. O importante é com o que ambas correntes podemos contribuir ao BNG, e nesse aspecto a coincidência de EI e a Alternativa é absoluta.

Mas se Esquerda Nacionalista ou a antiga Unidade Galega já pactuou em assembleias anteriores com o sector oficial, que garantias há de que nom volte a acontecer?



Francisco Rodríguez enfrenta a assembleia em que a UPG se foi fazendo com mais adversários. O seu BNG nom consegue digerir a chegada ao poder

O contexto político que se vive internamente impede as componendas e os pactos espúreos. O que se precisa agora é a confrontaçom democrática de ideias políticas e de conceitos organizativos.

Vai defender a Alternativa a representação por delegados?

A defesa do assemblearismo é fundamental para nós, que defendemos a participaçom directa dos militantes. Esigimos que a nossa voz se escoite e que os organismos designados por nós sejam consultados à hora de tomar as decissons políticas concretas.

Deve manter-se a figura do presidente do Conselho Nacional?

Si, porque o BNG segue a precisar, e agora mais que nunca umha figura de arbitragem que seja capaz de reconduzir o BNG cumha filosofia de cooperaçom entre as partes frente à impossitiva ou competitiva que existe a día de hoje.

Achades que o BNG se vai burocratizando e afastando as bases das decissons. Porquê?

É um dos aspectos que criticamos, a burocratizaçom do BNG. É lógico que a medida que o BNG vai avançando em responsabilidades a preocupaçom organizativa seja maior e consequentemente se avonde na profissionalizaçom, mas o que nom pode acontecer é que as responsabilidades e as necessidades políticas e institucionais sirvam de coartada para opacar a organizaçom e a sua militancia.

Que defende a vossa candidatura para a reforma do Estatuto?

O BNG nom pode aceptar um Estatuto diminuído, e só deve aceptar um Estatuto que reconheça que Galiza é umha naçom. Nom devemos practicar o entreguismo porque destruiriamos o nosso projecto. Nesta questom o BNG deve ser taxativo. O Estatuto será de naçom ou nom será.

Paula Castro

Candidata do Movimento pola Base
"Non entendemos que se fale obsessivamente de consenso precísamente com o espanholismo"
Declinou responder duas perguntas

Que é e como surge o Movimento pola Base?

Nos últimos anos, desde a direcçom do BNG propiciou-se um abandono progressivo dos princípios fundacionais que converterom á nossa organizaçom no poderoso instrumento para a açom política na Galiza que é hoje em día. Esta evidência levou-nos, a um diverso grupo de militantes, a umha reflexom sobre as causas que levaron á actual situaçom de 'deriva'.

O que se joga o BNG na próxima assembleia?

Será um ponto de inflexom para a nossa organizaçom. Podería ser a antesala da conversión definitiva do Bloco num partido ao uso, com todo o que isso implica. Aceita-lo sería confirmar a vitória daqueles sectores que, soterradamente e sem dar os debates político-ideológicos e organizativos de cara, defenderom desde a sua integraçom essa mudançã. Entendemos que nom podemos ficar calados em aras a um falso consenso interno ou para nom debilitar ao co-governo. O que realmente debilita a esse co-governo e ao próprio BNG é a falta de clarificaçom, do que e como somos, que defendemos.

Que é necessário melhorar organizativamente no BNG?

Urge dinamizar as diferentes estruturas organizativas, tanto a nivel local como comarcal ou nacional de forma que o trabalho político deixe de ser tam dependente da actuaçom institucional; é preciso compensar o déficit de liberdades, sobre todo nas comarcas, para impulsar a recuperaçom da iniciativa política desde a própria organizaçom; havería que evitar a duplicidade de cargos, sejam institucionais ou orgânicos e incorporar militantes procedentes de movimentos e organizaçoms sociais nos organismos para que os debates nom se centren exclusivamente no plano institucional.

Porque foi impossível umha candidatura alternativa conjunta?

Partimos de que cada quem deve defender as suas propostas e entre as diferentes candidaturas cada quem tem umha particular formulaçom do BNG. Cremos na necessidade de dum debate interno aberto e sincero que algúns prefiren eludir para manter um falso consenso.

Como vedes a hipótese de que estejamos no fim do assemblearismo no BNG?

Da militancia que assista dependerá que se aprove ou nom. Pedimos à militancia que assista na tarde do sábado a votar a favor da emenda que apresentamos para que se elimine essa modificaçom estatutária e mesmo dos Estatutos a possibilidade de celebrar assembleias por delegados vista a leitura perversa que se fiço da mesma por parte da maioria da Executiva Nacional. Enquanto para uns acabar com assemblearismo é reforçar o controlo da organizaçom e evitar debates incómodos, para outros é seguir o caminho cara a conversom do BNG num partido, que é ao que sempre aspirárom.

Defendedes a reforma do Estatuto. Em que termos?

A proposta debería ter sido debatida dentro do BNG e nom só entre um grupo de 'notáveis'. Defendemos que Galiza é umha naçom e que como tal deve ver reconhecido o seu direito à autodeterminaçom. Defendemos que se aproveite este momento histórico para abrir um debate na sociedade galega para fazer a necessaria pedagogia política da que tanto se tem falado. Defendemos abordar com valentia este processo, aínda sendo conscientes da actual correlaçom de forzas. Non entendemos que se fale obsessivamente de consenso precisamente com o espanholismo. Com aqueles que nos negam como país e que nom renuncian a defender a sua posiçom de máximos para esta negociaçom, partindo dumha Constituçom ou 'Carta Magna' inamovível para reconhecer as naçoms, mas reformável para garantir a sucessom na monarquia espanhola.

Mario López Rico

Membro do Encontro Irmandinho
"Nem estrutura piramidal, nem dirigismo centralizado da direcçom ou de um núcleo dela"

Que modelo defendedes para o BNG na próxima assembleia?

Queremos, como sempre, um BNG frentista e assemblear, firme nos princípios nacionalistas, transformador na sua açom social e política, insubornavelmente de esquerda, plural na sua composiçom e no seu perfil ideológico, trabalhando nas luitas cívicas (idioma, feminismo, ambientalismo, pacifismo, antiglobalizaçom e internacionalismo...), interligado com a sociedade, actual na análise da realidade do País e profundamente democrático e participativo nas formas e nos métodos.

Que diferenças achas que há entre os modelos?

Penso que na teoria encontraremos

poucas diferenças; onde as há, e muitas, é na prática.

O que é que nom funciona organizativamente no BNG?

Nom queremos que o modelo organizativo e as suas regras de jogo intrínsecas (a democracia interna, o assemblearismo, o pluralismo político e ideológico, etc...), sejam progressivamente substituídos por umha estrutura piramidal, na qual o debate e a participaçom activa da militancia som a excepçom e o dirigismo centralizado da direcçom, ou de umha parte do seu núcleo, a regra. A actual direcçom do BNG tem praticado de facto umha política de esvaziamento do carácter participativo, assemblear e essencialmente plural da organizaçom, chave do seu sucesso durante vários lustros, e apresenta, nesta XII assembleia, como "renovaçom" umha série de medidas (supressom da Presidência do Conselho Nacional, estabelecimento do sistema de delegados, eliminaçom da visualizaçom de partidos e colectivos originária, etc...), que som a tentativa de reduzir o projecto comum democrático colectivo do nacionalismo a umha fórmula partidista que nom acolhe todo o espectro de unidade nacionalista que é ainda hoje o BNG.

Será o fim do assemblearismo?

Confirma-se a deriva da organizaçom: a linha política marcada, a supeditaçom do BNG à Junta, as modificaçoms organizativas que nessas propostas se plasmam som um tentativa de legitimar práticas dirigistas que se venhem verificando desde a XI Assembleia e vam provocar a definitiva liquidaçom do BNG como frente assemblear e plural do qual a Galiza se dotou em 1982. De facto, em rigor, se se aprovar o fim da participaçom directa, esta vai ser a derradeira Assembleia.

Há críticas de outros sectores a umha deriva 'autonomista' na actual açom do governo...

Isso para nós, embora algo haja, nom é determinante. O realmente preocupante é que nom existe um deslinde entre o BNG projecto político nítido e o 'BNG no Governo' que tem que lidar com umha realidade muitas vezes difícil; existe umha subordinaçom de todo o BNG ao 'BNG no Governo' que é perigoso por comprometer o futuro do projecto político do nacionalismo.

Poderia repetir-se o facto de que correntes críticas alternativas a oficial pactuem posteriormente com esta como tem acontecido?

As grandes decissons do BNG deverám ser tomadas com o consenso mais amplo possível. Para isso estamos. Se te referes à 'compra' de pessoas que renunciam ostensivamente a defender o que propugnam desde o momento que se lhes proporciona um emprego, eu só podoo responder pola incorruptibilidade dos membros da lista do Encontro Irmandinho.

ANÁLISE

ENCE pretende multiplicar a capacidade produtiva da central de Návía e abrir novas fábricas nas Pontes

JUAN CARLOS DE BOURBON INTERVÉM COMO 'FACILITADOR' PARA ABRIR CAMINHO AOS SEUS AMIGOS NA AMÉRICA LATINA

A multinacional da celulose defronta um período de estagnação relativo apostando por se transformar num gigante maior, fortalecendo a sua presença e impacto na Galiza em paralelo aos seus ambiciosos projectos no Uruguai, para os quais conta desde já com a intervenção diplomática do monarca espanhol. O objectivo visado é ultrapassar o duplo da produção anual em cinco anos e triplicar o seu crescimento, e para tanto

prevê beneficiar-se da transferência das instalações de Ponte Vedra para as Pontes - onde duplicaria a produção de celulose da anterior localização - e planifica ampliar, conforme ao publicado, as instalações de Návía para dar forma a um monstro ambiental que aguarda vir a ser a maior central das suas características no Estado e uma das maiores da Europa, com um investimento de 230 milhões.

C. BARROS / A transferência do complexo da ENCE da ria de Ponte Vedra beneficiará os interesses da celulose ao permitir-lhe duplicar a capacidade produtiva (até 600.000 toneladas por ano) e fechar o ciclo do papel, conforme aos planos da Conselheria do Ambiente publicados na imprensa diária. O destino que agora ganha preferência é a castigada localidade das Pontes, aonde planeja deslocar a fábrica de celulose e, provavelmente, a central de produção de dióxido de cloro Elnosa. A operação estaria finalizada em 2011, ano de referência estratégica para os actuais planos expansivos amparados pelo conselheiro Manuel Vázquez (PSOE) e o presidente da Cámara das Pontes Víctor Guerreiro (BNG), quem já se candidatara em finais de 2005 para acolher estas instalações, oferecendo 150 hectares de terreno para permitir a ampliação de que precisa a multinacional para gerar papel, aumentar a produção de biomassa e intensificar a sua presença no mercado do dióxido de carbono.

Informações filtradas à imprensa indicam que o presidente da ENCE, Jose Luis Arregui, seria premiado pela sua 'aposta na Galiza' através de benefícios no acesso à produção de energia hidroeléctrica e eólica. O presidente da ENCE, nomeado com o beneplácito dos 'Albertos' em Abril de 2006, foi cofundador da eléctrica Gamesa e conta com fortes interesses no sector. Para a operação das Pontes aprovou investimentos orçados em mais de 900 milhões de euros conforme se refere nestas filtrações.

Tornar Návía umha imensa fábrica

A outra grande aposta da grande empresa na Galiza fica fora dos limites administrativos da Comunidade Autónoma, conforme aos dados publicados. O plano de crescimento inclui criar umha macro-fábrica a partir da ampliação das instalações existentes em Návía, o que incidiria de forma directa na estruturação económica da comarca eu-naviega e da Marinha. Incrementaria a capacidade de produção de celu-



ENCE quer tirar proveito da saída forçosa da ria de Ponte Vedra. Tudo aponta a que a empresa está a negociar a ubicação de um novo complexo nas Pontes e quer ampliar a central de Návía. O seu objectivo está em multiplicar a produção

lose até níveis semelhantes aos previstos nas Pontes e daria forma a umha das maiores papeleiras da Europa. É difícil, no entanto, que ambos os projectos consigam ir avante de forma simultânea com a envergadura anunciada, segundo referem especialistas no âmbito das celuloses. Conforme aos dados públicos do projecto, este aumentaria em 50% a facturação do porto comercial de Riba de Eu, onde se carrega a pasta de papel da central, e ocuparia a actividade de 80% dos barcos que passem por ele.

Os planos da multinacional, dirigidos a multiplicar a produtividade, precisarão de aumentar a massa florestal de eucaliptos existente no País, intensificando de facto os seus efeitos sócio-ambientais. Os estudos de impacto anunciados pela Conselheria do Ambiente centram-se em analisar as instalações, mas a pretensa mudança de rumo na planificação florestal ficará condicionada polos projectos da empresa.

Reacções ambientalistas

As informações de diferentes diários foram qualificadas como "contraditórias e confusas" polo

grupo ambientalista Erva, que refere que as filtrações interessadas surgem por "discrepâncias de difícil solução" entre os sócios de governo. Enquanto o PSOE reclama fortalecer a capacidade da ENCE, assinalam no comunicado, o BNG mostra "fratiza ideológica" pola sua posi-

ção no governo municipal, o que consideram "inconcebível" por se tratar de um debate que "é o cerne do nosso mais grave problema ecológico". Aliás, perguntam-se se o governo galego está a actuar em defesa dos "interesses da Galiza ou bem dos interesses das multinacionais".

ENCE prevê duplicar a capacidade produtiva (até 600.000 toneladas por ano) e fechar o ciclo do papel, conforme aos planos da Conselheria do Ambiente. O destino que ganha preferência é a castigada localidade das Pontes, aonde planeja deslocar a fábrica de celulose e, provavelmente, a central de produção de dióxido de cloro Elnosa. Em Návía, pretende criar umha macro-fábrica a partir da ampliação das instalações existentes, o que incidiria de forma directa na estruturação económica da comarca eu-naviega e da Marinha

Juan Carlos de Bourbon, amigo dos 'Albertos', intervém no litígio do Uruguai

A imprensa uruguaia e argentina expressa o mal-estar provocado em diferentes sectores pola anunciada participação diplomática de Juan Carlos de Bourbon como 'facilitador' nas negociações entre os países em litígio pola construção das celuloses da ENCE e da finlandesa Botnia. Ainda que a empresa espanhola já anunciase umha nova localização para a macro-fábrica (que será a maior da América Latina), as tensões continuam abertas entre as comunidades comarquesas, os colectivos sociais e os governos regionais e

estatais da Argentina e do Uruguai. Alberto Alcocer é amigo conhecido e companheiro de caça do monarca espanhol, aspecto salientado nos meios americanos, que assinalam possíveis "violações ao direito internacional" pola intervenção de um chefe de Estado ligado a um dos dirigentes do maior pacote de negócios da celulose. As autoridades dos países em conflito saudaram positivamente a irrupção de Juan Carlos num litígio que ainda decorre judicialmente na Corte Internacional da Haia.

Em meios económicos espe-

cula-se com que a ENCE está a atravessar um momento decisivo, marcado por moderados resultados a respeito das previsões, polo que já se falou do esgotamento do seu potencial. No entanto, a multinacional assume os novos projectos como "questão de vida ou morte" conforme referem especialistas da indústria, daí que aposte em expandir o negócio e multiplicar a produtividade, procurando passar do pouco mais de um milhão de toneladas por ano que hoje produz para 2,35 milhões no ano 2011.

CULTURA

Martinho Montero Santalha

"O reintegracionismo identificará-se com a Academia Galega da Língua Portuguesa"

ALONSO VIDAL / O professor Martinho Montero Santalha é o 'homem tranquilo' do reintegracionismo galego. De formas pausadas e falar envolvente, este discípulo de Carvalho Calero, professor universitário, investigador especialista em cantigas medievais,

escritor de romances premiados internacionalmente, leva às suas costas décadas de trabalho constante a favor da língua. Agora encabeça o grande projecto pendente da elite reintegracionista galega: a Academia Galega da Língua Portuguesa.

Criar umha Academia nom é ir contra a história? Nom som instituções caducas, incapazes de acompanhar o uso vivo social da língua?

Nom se pode pedir a umha Academia o que ela nom pode dar. Mas fai-se-lhe caso, vaia se se lhe fai caso, de facto a actual normativa oficial está baseada na opinon da Real Academia Galega. Todos e todas estamos a 'sofrer' esta academia. Todas as crianças galegas estão a estudar umha normativa que é responsabilidade total da RAG. Repara na repercussom que pode ter a sua opinon. Se ao lado desta actual, houvesse outra com outra conceiçom da língua, naturalmente o futuro apresentaria-se-nos de outra maneira.

Mas para muitos reintegracionistas o papel, digamos, académico, era desempenhando pola AGAL, ou a sua Comissom Lingüística (CL). Qual seria a novidade?

A CL da AGAL funciona de outra maneira diferente ao que pode ser umha Academia no sentido tradicional do termo. Penso que a Academia deveria integrar plenamente todas as sensibilidades do reintegracionismo e como há o problema actual de tantos debates de carácter normativo, seria interessante que nom se visse como umha cousa da AGAL para que todo o mundo poda participar mais abertamente.

Para além do reconhecimento legal está o reconhecimento político e social por parte das instituções de governo. E isso parece mais difícil, embora um partido nacionalista co-governe a Junta, nom é?

Agora estamos com a construçom do projecto. O reconhecimento oficial há de chegar. Dentro do reintegracionismo será referente. Polo menos da mesma maneira em que a outra academia é reconhecida, com críticas e discrepâncias pontuais nalgum aspecto.

Mas desde os poderes públicos, ao reintegracionismo, nem pam nem água...

Bom, os contactos serão inevitáveis. Há que ir dialogando e explicando o projecto aos



organismos oficiais. Algo disso já se está a fazer. A própria AGAL tem tendido pontes de diálogo. Mas certamente será difícil, porque estas pessoas temem em geral umha atitude contrária. E por outra parte cabe esperar que o outro sector ligado à Academia actual nom deixará que se interfira no que eles acham é o seu domínio e área de influência. Haverá que trabalhar bem duro neste sentido, porque há muitas calúnias que se estão a fazer circular para fomentar umha interessada má imagem do reintegracionismo.

E porque agora? É o melhor momento do reintegracionismo ou é que por fim a unidade é possível à volta deste projecto?

É verdade que a ideia é já antiga. Eu já falara disto com Carvalho Calero, que tinha claro a ideia de umha Academia de carácter abertamente reintegracionista. Visto que a Academia galega actual é constituída por umha clara maioria de membros que som profundamente anti-reintegracionistas, que se escolhem os membros uns aos outros, todos da mesma corda, está claro que nom vam admitir a presença de alguém que defenda a concepçom unitária da língua. Recentemente, o próprio Estraviz, como António Gil, voltárom a falar da ideia abertamente. Mesmo dentro da Comissom Lingüística da AGAL, há pessoas que estão a favor deste novo impulso, e nisso andamos.

E o reintegracionismo aceitará plenamente o nome de Língua Portuguesa?

Eu acho que já o aceita maioritariamente. É a melhor

alternativa. O nome de 'galego-português' é demasiado longo e remete aos portugueses para a língua medieval... o termo 'língua galega' é muito desorientador, em primeiro lugar para os próprios galegos. Que se se fala de língua portuguesa a gente vai pensar que nom é a sua? Bom, se nom entende, explica-se-lhe. Se nom fígermos assim estamos a enganar os próprios utentes. Se lhe chamarmos de forma diferente é porque estamos a falar de entidades diferentes. Porque esse empenho no de 'língua galega' quando cada língua tem um único nome? O caso do 'espanhol' e 'castelhano' é umha excepçom, mas o normal é a unicidade do nome. A nossa é universalmente conhecida como português. Assim continuará a ser por muito que insistamos noutro nome específico.

A relação com o mundo lusófono será um objectivo prioritário...

Precisamos de um maior apoio ou entusiasmo pola sua parte. Isto deve-se à informaçom parcial e interessada que recebem polos canais oficiais. Pensa na falta de representaçom institucional do nosso país na altura da negociaçom dos acordos ortográficos da língua portuguesa. Com umha Academia, as instituções lusófonas contariam com um interlocutor, obviando a actual Academia isolacionista que nom compartilha a visom de unidade da língua portuguesa. Está mesmo a hipótese de a Galiza contar com um estatuto de observador, como no caso do Timor, na Comunidade de Países de Língua Portuguesa, ideia aplaudida por alguns membros significados do actual governo galego. Também nisso será útil a Academia.

MÚSICA

Novo cenário Musical

J. PINTOR

"NO NOSSO PAÍS, SÓ OS RESENTIDOS ALCANÇAM A SIGNIFICAÇOM DE REFERENTE MUSICAL DE PRIMEIRA ORDEM"

Um dos problemas que afectam a construçom de um hipotético cenário musical galego, é a falta de referentes musicais próprios inapeláveis, que tenham ultrapassado a estreita margem do género musical em que se gestárom, do mesmo modo que, por exemplo, *Public Enemy* tem ultrapassado o âmbito do hip-hop, para se converter numha banda fundamental no desenvolvimento da música popular moderna. No nosso país, só *Os Resentidos* alcançam a significaçom de referente musical de primeira ordem, surgindo quase como umha necessidade histórica, numha altura onde a emergência das diferentes culturas juvenis se manifestava através de obras de grande valor -lembramos *Golpes Bajos* ou os primeiros *Siniestro Total*- no contexto de um desenvolvimento urbano mais intensivo, fraguado sobre as fracas defesas identitárias. As nossas pequenas cidades convertem-se assim num marco muito propício para a extensom da espanholizaçom nas jovens camadas populares, artífices de umha linguagem cultural inédita no nosso país. A necessária revisom da banda de Antom Reixa e o porquê nom véu a constituir a base de umha formidável cultura juvenil galega, em que os Resentidos seriam hoje os clássicos, fica para outro momento. O introduzido neste parágrafo só responde à intençom de entender a necessidade de nos abastecermos de vias independentes da transmissom cultural espanhola, de construirmos os nossos referentes, ou mesmo de importá-los sem temer a infecçom de vírus que se filtram no caminho da aquisiçom. Um colaborador deste mesmo jornal, muito acertadamente, tem-me assinalado o facto de o nosso país carecer de um conhecimento estendido do inglês e da cultura anglo-saxona, como parte do problema que enunciamos neste artigo.

Mas, na verdade, umha comunidade lingüística de cerca de duzentos milhons de habitantes pode facilmente compensar essa eiva. Mais ainda, se reconhecemos a transcendência que para as músicas modernas tiveram as músicas populares de Portugal e sobretudo do Brasil. Aliás, hoje os cenários culturais independentes destes países estão consolidados sobre a base de infra-estruturas autónomas, que som um desafio às lógicas do mercado do lazer, e possuem, voltando ao guiom do texto, referentes capitais dos quais se alimentam novas geraçoms que se resistem ao tratamento letal por via intravenosa de tédio e rotina, administrado por doutores especialistas que tratam as doenças do sistema.

A possibilidade única que nos oferece a nossa língua para compartilhar estes cenários, para nos relacionar de modo directo com eles, e mesmo como instrumento para a imersom em águas internacionais, situa-nos num privilegiado ponto de partida. Bastará só com um bom exemplo para clarificarmos isto tudo; podemos lembrar assim a surpresa da imprensa musical independente do Estado espanhol quando os franceses *Diabologum* editárom o seu terceiro disco '3'. Da sua perspectiva, este disco situava na mira o rock continental contestando a hegemonia anglo-saxona; imenso disco pois, imprescindível também, mas aqueles que já reconheciam como próprio o âmbito lingüístico que compartilhamos com Portugal, tinham desfrutado já da intensidade e a violência electrificada dos bracarenses *Mão Morta*, em primeira linha de fogo na vanguarda musical internacional no fim da década de oitenta, e que por acaso passou despercebida para a crítica espanhola mais rigorosa.

Finalmente adiantamos já umha próxima e necessária revisom da imaculada trajectória de *Mão Morta*.



A CONJUGAR O VERBO SEXUAR

Mês a Mês

BEATRIZ SANTOS

A sexualização ou o facto de sexualizar-se, o sexo, agrupa umha série de fenómenos conectados entre si, elementos sexualizados (vid. nº40 NGZ) entre os quais se encontra a menstruação [menstruo = mensal]. Para Marie Jean Sherfey é "esse facto do qual ainda nom temos todas as respostas correctas". De entre todas as fêmeas, porque ao parecer só menstruamos as humanas e as grandes primates? Quanto tivo a ver a bipedestação neste facto evolutivo? Que representa a actualidade menstrual na linha evolutiva?

A gravidez está relacionada com a menstruação, com a sua ausência. Mas esta última nom pode/deve relacionar-se também com mais elementos da evolução humana? Idealmente cada 28 dias, 4 ciclos lunares, a periodicidade

reincia-se. Quantas de nós somos ideais e durante quanto tempo?

Muitas uns dias antes de menstruar vivem com a *síndrome pré-menstrual* (umha série de sintomas como a inflamação do ventre ou das mamas, que nom todas vemos como inconveniente...). Outras, algumas, as mesmas, 'padecem' a *dismenorréia* (dor menstrual). Ambos os termos fôrom acunhados por certa medicina que se preocupou de dar as causas e buscar o lado de sofrimento, de doença, a óptica negativa.

Algumha por aí opina que o que lhe dói aos nossos úteros é nom parir e assumem mal a diferença de actividade intra-uterina a respeito dos das nossas antepassadas. Outras opinam que 'demasiadas mulheres estamos tensas, ansiosas e confusas acerca

da nossa identidade e do papel social que desempenhamos'; o que parece ajudar a que nom nos demos mui bem com a nossa sexualidade (esse jeito de nos vermos, de nos vivermos e de nos sentirmos).

Umha melhor vivência do corpo, dos seus ciclos, pode melhorar a erótica. E na tua erótica, como vives a menstruação? Quando estás a menstruar, quando aquela mulher de que gostas está a menstruar? Os fluidos corporais parece que se pegam, se espalham, molham... E depois... podes tu manter relações eróticas sem te molhares?.

'Os menstros som as lágrimas da lua, chamados assim em homenagem àquelas que os celebram' **Monique Wittig & Sande Zeig Borrador para un dicionário das amantes.**

DE BASE

Associação A Vereia . Umha outra aposta

F. MARINHO / Já passárom dous anos desde que nasceu *A Vereia*, associação de vizinhos no concelho de Vedra, com a intenção de pôr um pouco de cor na vida desta vila da comarca de Compostela. A iniciativa surgiu como surgem outras tantas no País: Um grupo de amigos decide que som horas de tomar a iniciativa e cria um órgão que ajuda a encher o vazio cultural e lúdico que as autoridades municipais nom se preocupam por preencher.



Umha das actividades da Associação é o curso de vela

Com a vizinhança

Juan Carreira é o presidente de *A Vereia* e quem atende a chamada do Novas. "Agora somos uns 60 sócios de diversas idades. Nom temos filiação com ninguém, há gente que simpatiza ou é de um partido de esquerda até outros de direita". Mas a pluralidade nom impede que se recolham assinaturas entre a vizinhança contra o PGOM de Vedra, com governo do PSOE. Carreira aponta que "foram 1.000 assinaturas num concelho de 5.000 pessoas. Antes já se apresentaram 800 alegações".

Como em muitos lugares da geografia galega, em Vedra a juventude nom via actividades que preenchessem o espaço e o tempo de que dispunham. *A Vereia*

tentava ocupar esse espaço, e assim é concebido e posto em andamento o *Vereia Rock* que substituiu o *Vedra Rock* de há dous anos, sem apoios oficiais. Mas nom som as musicais as únicas actividades, pois na oferta aparecem cursos de vela, em O Grove, graças à colaboração de amigos, ou actividades de montanha, com viagens até os Picos da Europa, Courel ou as Ancares. Estas caminhadas pola montanha som levadas adiante polo Grupo Os Cabras.

É deduzível que as actividades som autofinanciadas polos contributos dos sócios e das sócias, com umha quota anual de vinte euros. *A Vereia*, para além de fazer isto tudo, também programa projeções

de filmes para todos os públicos, sobretudo para crianças nas datas do Natal. Mas o que chama a atenção é a falta de um local próprio para as assembleias de sócios. Por agora é um vizinho quem empresta o seu local para as reuniões.

Contudo, a estrela desta associação é o *Vereia Rock*. Já é o segundo ano que organizam este evento e este ano contou com grupos como *Habeas Corpus* ou *Vacky Trap*. "Por agora nom houve perdas para a organização. A ajuda vem da venda de camisolas, lotaria de Natal e bancas de material nas festas" como diz Carreira. Mas o que sempre destacou é o escasso apoio das autoridades locais, algo nom pouco estranho na Galiza.

LÍNGUA NACIONAL

Lusistas utópicos

VALENTIM R. FAGIM

A afortunada expressom, ao que sei, é de Vilhar Trilho. Nos inícios do nosso regeneracionismo, lá em finais do sec. XIX, Portugal e a sua Língua Nacional eram um referente de integração e de emulação mas havia lugares por onde raro se transitava, por exemplo, a ortografia. Onde está a utopia hoje? Ainda é numerosa a tribo de "galego e português, línguas irmãs" (*pero eu escribo como o primo*). Ora, nunca tanto NH se escreveu como hoje e as expectativas som excelentes apesar de todos os entraves existentes.

Eu proponho o seguinte exercício às leitoras. Peguem na sua lista de contactos de correio electrónico. Fagim uma contagem atendendo à

nacionalidade reparando apenas nos de nacionalidade portuguesa e espanhola. Se a contagem fosse feita por umha cidadã média o resultado podia ser 1/20 ou cousa do género mas... como está o panorama entre as pessoas lusógrafas? Afinal, Portugal está aí ao lado... ou nom.

O dia 18 de Novembro tivo lugar um acontecimento histórico, quer polo facto, quer pola magnitude. Trata-se de uma reunião em Vilarelho da Raia de colectivos sociais de ambos os lados da linha que ainda nos separa. O objectivo é fazer memória histórica COMUM. Este é o lugar por onde devemos transitar no século XXI: o contacto (e ainda melhor, o tacto).

DESCOBRE O QUE SABES... por Salva Gomes.

- De que foi acusado, e processado, Suso Baamonde depois de um concerto em Ponte Vedra?
-Injúrias ao Rei de Espanha
-Injúrias à Pátria
-Injúrias ao ministro da Justiça
-Vitor Hugo -Roussau -Manuel Murguía
- Quem fôrom Belionka, Piostráia e Strelka?
-Três cadelas da URSS que viajaram ao espaço
-As três primeiras bolcheviques
-Três revolucionárias na tomada do Palácio de Inverno
-Mar de Aral
-Mar Amarelo
-Mar Cáspio
- Quando se apresenta publicamente a Frente Popular Galega (FPG), integradora de colectivos e organizações independentistas?
-1986 -1988 -1990
-1967 -1972 -1976
- Quem se apoiava na diferença entre meninos e meninas, no momento de brincar, para defender a diferença entre sexos?
-Vitor Hugo -Roussau -Manuel Murguía
- Qual destes mares forma parte de um oceano?
-Mar de Aral
-Mar Amarelo
-Mar Cáspio
- Quando morre em Havana o arredista revolucionário galego Fuco Gomes, opositor de um ideário vanguardista no âmbito nacional e social que foi rejeitado polo activismo galeguista e nacionalista em 1933?
-1967 -1972 -1976

Soluções :

1. Injúrias à pátria; 2. Três cadelas da URSS; 3. 1988; 4. Roussau; 5. Mar Amarelo; 6. 1972

ARROZ COM CHÍCHAROS

Fidéis de mar

VILMA LAGO / Ingredientes (4 pessoas): 1 lula grande ou duas pequenas, 300 gramas de amêijoas, 250 gramas de fidéis grossos, 1 cebola, 2 dente de alho, 5 tomates maduros, azeite de oliva

Preparação: Pôr azeite num tacho de barro e refogar a

cebola e os alhos bem picados. Juntar a lula limpa e cortada e as amêijoas e os tomates limpos e pelados. Deixar frigar durante 12 minutos. Juntar 1 litro e ½ de água no tacho. Quando começar a ferver juntar os fidéis e deixar cozer uns 15 minutos. Servir quentes.

DESPORTOS

Rúgbi na Galiza, um futuro prometedor

A SELECÇÃO NACIONAL PARTICIPOU JÁ NUMHA COMPETIÇÃO OFICIAL

DAVIDE S. / As origens deste desporto som datadas no ano 1823, em Inglaterra, mas à Galiza só chegaria mais tarde, ao aportarem duas fragatas inglesas no porto de Vila Garcia, protagonizando o primeiro jogo de rúgbi na Galiza. A partir daí foi-se estendendo ao resto do nosso território.

Nun principio este desporto era exclusivamente practicado nas universidades das grandes cidades do País como Compostela, a Corunha e em Vigo o Bocoí. Estas mesmas equipas conformáron a primeira federação galega de rúgbi há 30 anos.

Com a passagem do tempo, os estudantes destas universidades em que se praticava rúgbi fõrom finalizando os seus estudos e voltando às suas respectivas comarcas de procedência, fundando diferentes equipas nelas.

Hoje em dia, as equipas galegas que competem tanto nas categorias nacionais como nas estatais, som dez (jogam em competiçõs galegas Os ingleses de Vila Garcia, o C.D. Zalaeta da Corunha, o C.R. Fende Testas das Pontes e o Almalho Rúgbi Clube de Ferrol, enquanto nas categorias estatais estãm a jogar o Mareantes Dentelhada de Ponte Vedra, o CRAT da Corunha, o Lalim, o Muralha de Lugo, o A.R.V. Ourense e na divisom de honra B, como equipa destacada, o Vigo Rúgbi Clube). Isto tudo é quanto ao masculino, já que na Galiza ainda há que avançar muito na incorporaçom da mulher tanto a este desporto como à maioria dos que se praticam. É por isto que até o momento só contamos com quatro equipas femininas galegas (Vigo R.C. Mareantes R.C.P.A.R.V. Ourense e a Universidade da Corunha). É preciso dizer que na Galiza há mais equipas, mas por diferentes motivos (tanto económicos como de ter alcançado un número determinado de fichas de jogado-



A Federaçom Galega de Rúgbi, totalmente desorganizada, nom contribui ao avanço do desporto

res) nom pudérom inscrever-se na competiçom por si mesmos e tivérom que passar a formar parte de outros clubes como equipa B, jogando nas diferentes categorias galegas com outra camisola.

O futuro: criar clubes

Em relaçoem ao futuro o rúgbi na Galiza vê-se mais maduro, já que se estãm a dar mudanças nas equipas para tentar deixar de ser un grupo de amigos que jogam rúgbi juntos e passar a criar clubes com diferentes categorias e com escolas de formaçoem que preparem rapazes de mui curta idade. Um facto prometedor dos progressos do rúgbi na Galiza é a recente participaçoem da nossa selecçoem nacional numha competiçoem oficial, já que, embora tivesse jogado com selecçoens

absolutas nunca o tinha feito num campeonato oficial como é o Campeonato Europeu de Regions.

Ao se classificar segunda no grupo A de selecçoens do Estado espanhol e terceira no cõmputo geral, a sua actuaçoem foi mais que aceitável e, apesar de ter perdido com os dous rivais com que se enfrentou (Bearn e o Armagnac franceses), a diferença de pontos nom é tam grande como a diferença de possibilidades que nos separa dos jogadores franceses profissionais, que contam com mais meios dos que tem a nossa selecçoem, ao estar composta por jogadores nom profissionais que compaginam trabalhos ou estudos com a práctica deste desporto, assumindo os gastos quase na íntegra devido a que apenas recebem ajudas das administraçoens públicas

Dez equipas galegas competem tanto nas categorias nacionais como estatais, mais na Galiza ainda há que avançar muito na incorporaçoem da mulher tanto a este desporto como à maioria

Há mudanças nas equipas para tentar deixar de ser un grupo de amigos que jogam rúgbi juntos e passar a criar clubes com diferentes categorias e com escolas de formaçoem que preparem rapazes de mui curta idade. Um facto prometedor dos progressos do rúgbi na Galiza é a recente participaçoem da nossa selecçoem nacional numha competiçoem oficial, o Campeonato Europeu de Regions

para desenvolverem o potencial que se está a demonstrar. Isto tudo por nom falar da falta de interesse e compromisso da Federaçoem Galega de Rúgbi para que isto avance, estando totalmente desorganizada (só há que dar umha vista de olhos à sua página web, que para além de desactualizada também está espanholizada) e onde parece que importam mais os interesses particulares dos seus componentes que o estado do rúgbi galego. Mas perante todas as dificuldades que batem contra o rúgbi galego, a nossa idiossincrasia de povo lutador e trabalhador, faz com que jogadores de diferentes personalidades, conformadas pola sua origem dentro do mapa do nosso território, joguem juntos acoplando-se perfeitamente e a um grande nível.

Embora Cafe
Sha Reggae Soul
Compostela

13
CAFE-BAR
Compostela - Rua Santa Clara

Livraria
A Palavra Perduda
Rua Castanheiros 13 R/C. (esquina Pelameiro)
15705 - Santiago de Compostela
Telf: 981554045 / Fax: 981554960
E-mail: perduda@interbook.net

3
Vante
Centom de S. Bieito, 4 - COMPOSTELA
GALIZA

GARIGOLO
Café - Teatro
Praçina da Algalia de Arriba, 1
COMPOSTELA



| PATRICIA DE LORENZO | ACTRIZ |

“Deve haver maneiras de fazer televisom mais divertidas e com outra dinâmica”

SOLE REI / Patricia de Lorenzo leva às costas anos de experiência no teatro com Chévere, companhia residente da compostelana Sala Nasa, mas foi no último trabalho quando a sua cara se fiço definitivamente conhecida para o público com a emissom na TVG de Pepe O Inglês, série em que compartilha protagonismo com outros três membros de Chévere e que agora, após se ter convertido, segundo ela própria conta, num produto que nada tem a ver com a ideia inicial, está para desaparecer da televisom autonómica. Mas o que sobra som novas ideias...

- Pepe O Inglês está a ter bastante sucesso entre o público, eu até camisolas tenho visto por aí...

- Sim, nós percebemos que está a ter bastante êxito. As camisolas som do pessoal da série, todo esse merchandising devia levá-lo a TVG, mas nom. Porque ainda que tem umha audiência aceitável (para ser numha segunda-feira, que é um dia mui mau), decidírom cancelá-la. Acabamos neste mês esta série de capítulos e havia prevista outra, mas nom se fará. Ainda nom sei a razom. Eu creio que a TVG nom pujo muito empenho em que fosse umha série mui vista, porque se comparases, as promoções de outras séries do canal som muito maiores.

- As Ultranoites de Chévere sempre fõrom, ademais de diverson, denúncia. Agora, na televisom autonómica, tens de ser algo mais comedida?

- Se os guions fossem nossos as ondas iriam igual que vam as da Ultranoite. Mas temos que dizer o que nos mandam. E

nesse sentido é que o consideramos um desperdício, é umha lástima. Se de nós dependesse, o humor iria por outro lado que nada tem a ver com que dous senhores vaiam a Cuba de turismo sexual, nom lhe vemos a graça. O de Pepe O Inglês foi um processo triste porque no início era umha ideia excelente. Os guionistas e a produtora apostárom em fazer um capítulo piloto há três ou quatro anos, era um sitcom com público em directo, em ordem cronológica. Quando se confirmou que se fazia Pepe O Inglês, tentou-se mil vezes que a TVG aceitasse um produto de meia hora, e foi impossível. A ideia também era que nós fígessemos contributos nesses guions, nessas personagens... E nada disso foi adiante, passou a ser umha série que se produz e se grava como qualquer outra. Nos guions nós nom fazemos absolutamente nada, embora toda a gente pense que a serie é de Chévere. Mas já faremos nós a nossa série.

- E já há projecto?

- Agora mesmo estamos com a pré-produção de umha longa-metragem que se chama Os Irmãos Crevinsky. Será umha co-produção entre Control Zeta e Chévere que provavelmente se rode no próximo ano. Miguel de Lira e Quique Otero fígeram umha curta-metragem que se chamava Os Crevinsky, e na sequência disto fõrom-na desenvolvendo e pedimos em conjunto umha subvenção à produção. Pola primeira vez, há esse terreno de subvenções ao audiovisual, vamos ver agora em que dá, mas polo menos nota-se umha tentativa de abertura para que nem sempre fagamos os filmes as mesmas produtoras. E quando acabemos com Crevinsky temos em mente fazer também umha longa-metragem única e exclusivamente de Chévere que se chama Pulposixion. Precisamente estes dias estamos a ultimar os detalhes.

- E a história de esse filme de Chévere?...

- É um filme coral que se desenvolve nalgum lugar da costa da Galiza, e há um descobrimento mundial na aquícultura: o polvo pode criar em cativério. Tudo transcorre no dia memorável em que isto acontece, vemem autoridades de toda parte para feste-

jar que se consegue a criação do polvo em catividade, e depois tudo se estraga porque há umha série de acidentes, há um caos tremendo, e afinal nom se inaugura nada. Tudo isso misturado também com umha trama imobiliária... Aí estamos. Ultimamente ademais demos com um ingrediente que nos resulta duplamente atraente, que é fazer deste filme um musical.

- A Nasa ultimamente está a impulsionar novos artistas com o ciclo Os Novos. Pensas que faltam apoios ao teatro, que tendes que animar a gente nova vós próprios, de dentro?

- Efectivamente é filosofia da Nasa: confiar na nova canteira e apoiá-la. Porque sentimos um pouco que o panorama teatral galego é estranhíssimo. Nós sentimos-nos como estranhos. Ou é o resto do mundo teatral estranho, ou nom sei. Das produções que há, som mui contados os casos em que vês que há um risco, umha aposta em fazer algo diferente. E nom digo que tudo tenha que ser sempre inovaçom nem muito menos. Mas é essa conexom com a realidade que em muitos espectáculos de companhias galegas nom vês. E a Nasa decide apostar nos novos com esta intenção. E oxalá pudera apoiar ainda mais.

Quotidiana delirante

ERNESTO VÁZQUEZ SOUSA

E tinha que chegar, claro. Um suspeitava que as cousas iam mal, que certos discursos estavam a dizer-se normais com demasiada facilidade, depois de condenados havia décadas ao mundo das ignorâncias passadas.

Posso entender que a fúria perante ataques imprevistos gere brutalidade e mais fúria absurda e mortal. Posso compreender que a violência e os despropósitos facilitem o trabalho e as maquinações de pessoal sem escrúpulos. O meu intelecto chega -pois tem um fundo obscuro- para enxergar que no mundo das elites a vida humana seja apenas um dado pontual, acessório nessa múltipla partida de xadrez dos poderosos.

Há tempo que sei que o mundo o governam idiotas privilegiados rodeados de imbecis superdotados. Nata acrílica e eficiente que escreve os informes, fornece as palavras e as motivações que se precisam para nos justificar as decisões arbitrárias que comunicam os porta-vozes. Governar o mundo, não parece coisa muito difícil, apenas continuar a tomar cafés com bolinhos esquisitos, entreter com luxo os votantes de peso, sorrir piadas dos importantes e decidir como faziam aqueles políticos e velhos generais da Grande guerra. Alguém limpará os pratos sujos.

Não temos progredido muito. De facto e pensando nas coisas com que nos educaram num tempo de maiores esperanças (já que não feitos) civis, penso que até temos recuado enormemente. E o pior é as religiões voltarem à actualidade. A formarem parte do discurso quotidiano e das identidades inventadas, do mais rançoso nacionalismo. Qualquer dia desperto, com aquilo das raças, das línguas e das culturas superiores batendo-me com normalidade na porta.